



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES -
PROFARTES**

KASSANDRA FERREIRA MACEDO BRANDÃO

UMA CRIANÇA, UM CELULAR NA MÃO E MIL IDEIAS NA CABEÇA
O audiovisual como recurso para o ensino/aprendizagem nas aulas
de Artes Cênicas

**João Pessoa – PB
2023**

KASSANDRA FERREIRA MACEDO BRANDÃO

UMA CRIANÇA, UM CELULAR NA MÃO E MIL IDEIAS NA CABEÇA
O audiovisual como recurso para o ensino/aprendizagem nas aulas
de Artes Cênicas

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Artes – PROF-
ARTES da Universidade Federal da
Paraíba, para obtenção do título de Mestre,
tendo como orientador Prof. Dr. José
Amâncio Tonezzi Rodrigues Pereira.

João Pessoa – PB
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação Seção de

B817c Brandão, Kassandra Ferreira Macêdo.

Uma criança, um celular na mão e mil ideias na cabeça. O audiovisual como recurso para ensino/aprendizagem nas aulas de artes cênicas. / Kassandra Ferreira Macêdo Brandão. - João Pessoa, 2023.

68 f. : il.

Orientação: José Amâncio Tonezzi Rodrigues Pereira. Dissertação
(Mestrado) - UFPB/CCTA.

UFPB/BC

CDU 791.52:371.686(043)

Catálogo e Classificação

KASSANDRA FERREIRA MACEDO BRANDÃO

UMA CRIANÇA, UM CELULAR NA MÃO E MIL IDEIAS NA CABEÇA
O audiovisual como recurso para o ensino/aprendizagem nas aulas
de Artes Cênicas

Data da Defesa: 28/02/2023

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
JOSE AMANCIO TONEZZI RODRIGUES PERE
Data: 03/03/2023 13:40:24-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. José Amâncio Tonezzi Rodrigues Pereira
(UFPB/CCTA-PROF-ARTES | Orientador)



Documento assinado digitalmente
GUILHERME BARBOSA SCHULZE
Data: 03/03/2023 15:39:47-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.Dr.Guilherme Barbosa Schulze
(UFPB/CCTA-PROF-ARTES | Membro Interno)



Documento assinado digitalmente
NAIRA NEIDE CIOTTI
Data: 02/03/2023 14:16:19-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof^a. Dra. Naira Neide Ciotti
(UFRN | Membro Externo)

João Pessoa – PB
2023

AGRADECIMENTOS

A Deus, de quem sinto sempre a presença ao meu lado, me dando forças para resolver os problemas e conquistar os meus sonhos;

Ao meu pai Júlio e minha mãe Aparecida, por sempre me incentivarem nos estudos, me apoiarem e estarem presentes em todos os momentos da minha vida, vibrando muito com as minhas conquistas. Amo muito vocês;

Ao meu irmão Kallio, que sempre está disposto a me ajudar e torce muito para que eu realize os meus sonhos;

Aos meus amados amigos Ingrid, Joht e Julianna, que acreditam em mim e sempre torceram para que eu fizesse mestrado. Vocês me incentivaram e me inspiraram nessa trajetória acadêmica e na vida;

Às minhas amigas do grupo Parahyba Rio Mulher, Cely, Gabi, Jinarla e Natália, mulheres incríveis, que admiro tanto, por estarem juntas comigo e compreenderem minhas ausências em alguns momentos, por estar com afazeres do mestrado, e um agradecimento especial a Natália, pelo olhar amigo, carinhoso e competente sobre a organização do meu trabalho;

A minha prima Silvia, com quem tenho uma ligação muito forte desde a infância. Estávamos mestradas juntas, e, mesmo em áreas e cidades diferentes, uma ficou apoiando a outra nos momentos mais apertados e solitários da escrita;

A Felipe pela parceria e também pela ajuda na confecção e pesquisa sobre a câmara escura

À direção da Escola Moema Tinoco, pela assistência e por acolher o meu projeto;

Ao professor Jefferson, por receber de braços abertos a pesquisa na sua sala e pela parceria em algumas atividades com a turma;

Aos estudantes do quinto ano B, pela participação e entrega na pesquisa, por olharem a escola com outros olhos e por me fazerem enxergar junto novas possibilidades;

Aos funcionários da Escola que colaboraram na gravação do documentário;

Ao curso da Semente Audiovisual, pela oportunidade de aprender mais sobre trabalhar o audiovisual com crianças em sala de aula;

Aos colegas do mestrado, por, mesmo assistindo às aulas de forma remota, termos formado uma turma muito presente, criando laços de amizade e nos ajudando muito nessa jornada;

À colega Lyana, parceira na presidência da turma e nos trabalhos em duplas das disciplinas, uma querida amiga que o mestrado me deu e levarei para a vida;

Ao Prof-Artes, por proporcionar esta formação, e aos professores do mestrado, pela dedicação com a nossa turma, que tinha suas limitações por ser remota e que, mesmo assim, conseguiram ministrar tudo com maestria;

Aos componentes da banca, Guilherme Schulze e Naira Ciotti, que, desde a qualificação, não apenas pontuam e questionam, mas contribuem com excelência com a minha pesquisa;

Ao meu querido professor e orientador Tonezzi, pela sensibilidade e paciência comigo. Por ter sido amigo, conselheiro e escutar minhas inseguranças, choros e medos quando não me senti capaz de encarar o texto acadêmico. Ele, com muita competência, me ajudou a seguir na pesquisa e encontrar caminhos, potencializando o que eu tinha de forte na escrita, como ele mesmo disse, a poesia.

A mim mesma, por várias vezes me sentir perdida e insegura, mas, mesmo assim, ter continuado firme, acreditando em mim, sem desistir.

À CAPES, pela bolsa que viabilizou a realização desta dissertação.

“É preciso olhar o mundo com olhos de criança”

Henri Matisse

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar e problematizar o uso da câmera do aparelho celular como recurso audiovisual em sala de aula, enquanto ferramenta metodológica no ensino e aprendizagem nas aulas de Artes Cênicas. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Moema Tinoco Cunha Lima, localizada na cidade de João Pessoa/PB, Bairro Funcionários II, é o campo de abrangência da pesquisa, cujo interesse concentra-se na turma do quinto ano B. Nessa pesquisa, a tecnologia é usada como disparadora para que as crianças sejam criadoras/produtoras de arte, fazendo-as protagonistas das suas atividades. O objetivo é que os estudantes criem roteiros e filmagens a partir do seu cotidiano, usando o como instrumento tecnológico. Assim, esta pesquisa se destina a analisar a inserção e o papel de elementos do audiovisual no processo de ensino/aprendizagem de forma ativa e participativa, além de propiciar, aos sujeitos envolvidos, a construção individual e coletiva de significado na experiência educacional artística. Os procedimentos metodológicos se dão através de investigação qualitativa, na modalidade etnográfica com abordagem de pesquisa participante, cujos principais instrumentos de análise serão a observação participativa, a tomada de nota em diário de campo, fotografias, vídeos e relatórios realizados pelos alunos, discussões avaliativas em grupo, como rodas de conversa, criação de roteiros, desenvolvimento na leitura e escrita, produção e edição de vídeos.

Palavras-chaves: Criança; Audiovisual; Cinema; Celular; Escola.

ABSTRACT

The present research, still in progress, proposes to analyze and problematize the use of the mobile phone devices as an audiovisual resource in classroom, as a methodological tool on teaching and learning in Performing Arts classes. The Municipal Elementary School Moema Tinoco Cunha Lima, located in João Pessoa city, on Funcionários II district, is the research scope of this paper, which interest is focused on the fifth grade class B. In this research, technology is used as a trigger for children to be creators/producers of art, making them protagonists of their activities. The aim is for students to create scripts and footage from their daily lives, using smartphones as a technological tool. Thus, this research aims to analyze the insertion and role of audiovisual elements in the teaching/learning process in an active and participatory way, and providing, to the subjects involved, the individual and collective construction of meaning for the educational-artistic experience. The methodological procedures are carried as a qualitative investigation, on the ethnographic modality with a participatory research approach, which main analysis matter will be participatory observation, note taking in a field diary, photographs, videos and reports made by the students after each stage of the creation process, evaluative group discussions such as conversation circles, script workshops, development in reading and writing and production and editing of videos.

Keywords: Child, Audiovisual, Movie, Mobile Phone, School.

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1 e 2: Fotos dos estudantes na atividade de desenhar a escola Moema Tinoco	33
Figura 3: Foto da atividade criando uma câmara escura em sala	35
Figura 4: Fotos da atividade criando uma câmara escura em sala	36
Figura 5: Foto da professora (a autora) ajudando na atividade da câmara escura em sala	36
Figura 6: Estudantes observando com suas câmaras escuras em sala de aula	37
Figura 7: Estudantes observando a área externa com a câmara escura	38
Figuras 8 e 9: Fotos dos relatórios sobre a aula da câmara escura	40
Figuras 10 e 11: Fotos de estudante sendo fotografado nos planos do cinema: Plano Aberto e Plano Médio	41
Figuras 12 e 13: Fotos de estudante sendo fotografado nos planos do cinema: Plano Americano (esquerda) e Close (direita)	41
Figuras 14 e 15: Fotos de Estudantes observando focos através do cilindro feito de papel	44
Figura 16: Fotos de Estudantes observando espaço interno da escola através da moldura de papel	45
Figura 17: Fotos de estudantes observando o espaço externo da escola através da moldura de papel	45
Figuras 18 e 19: Fotos de estudantes fazendo o exercício minuto Lumière	48
Figuras 20 e 21: Fotos de estudantes participando do cineclubes no 1º dia e no 2º dia	49
Figura 22: Fotos de estudante cantando a claquete	55
Figura 23: Fotos de estudantes escrevendo o número das cenas na claquete	57
Figura 24: Fotos de estudantes filmando a biblioteca e a bibliotecária Magna	58
Figura 25: Fotos de estudantes filmando a cozinheira Ana	59
Figura 26: Fotos de estudantes gravando o documentário	60
Figura 27: Fotos de estudantes assistindo ao documentário feito por eles	61
Figura 28: Abertura do documentário do quinto ano B	61
Figura 29: Início do documentário com estudante apresentando a escola	62
Figura 30: Foto em 'selfie' com um dos grupos de filmagem e o professor pedagogo da turma	68

SUMÁRIO

TAKE 1: ATENÇÃO!	11
1 Apresentação	12
1.1 Eu: Artista, Docente	12
1.2 Escola Moema Tinoco	16
1.3 O celular e o audiovisual na sala de aula	19
1.4 Procedimentos Metodológicos	24
1.5 Fotografia, Audiovisual e Celular	25
TAKE 2: SILÊNCIO NO SET	30
2 Iniciando as atividades. Exercitando os olhares	31
2.1 Desenhando o espaço escolar	33
2.2 Construindo uma câmara escura	34
2.3 Apareceu uma semente	42
2.4 É preciso foco	43
2.5 Minuto Lumière	46
2.6 Vamos fazer um Cineclube?	48
TAKE 3: LUZ, CÂMERA, AÇÃO	52
3 Bora gravar!	53
3.1 Que história vamos contar?	53
3.2 Criando Audiovisual com o celular	55
3.3 Exibição do documentário	60
TAKE 4: NA LATA	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	69

TAKE 1: ATENÇÃO!

1 Apresentação

A presente pesquisa propõe analisar e problematizar o uso da câmera do **dispositivo de telefone móvel, celular**, como recurso audiovisual em sala de aula na Escola Municipal de Ensino Fundamental Moema Tinoco Cunha Lima, localizada na cidade de João Pessoa/PB, Bairro Funcionários II, enquanto ferramenta metodológica no ensino e aprendizagem nas aulas de Artes Cênicas. Para tanto, agrega improvisação, exercícios corporais, dinâmicas em grupo, interpretação de filmes, criação de roteiros, desenvolvimento na leitura e escrita, produção e edição de vídeos. Pretendo, nesta pesquisa, usar a tecnologia como disparadora para que as crianças sejam produtoras/criadoras de arte, estimuladas pelo instrumento tecnológico, deixando as ideias soltas para que elas possam transformar o seu cotidiano em arte. A ideia é que as crianças criem suas próprias histórias e seus próprios vídeos usando aparelhos celulares. Assim, esta pesquisa se destina a analisar a inserção e o papel de elementos do audiovisual no processo de ensino/aprendizagem de forma ativa e participativa, e propiciando, aos sujeitos envolvidos, a construção, individual e coletiva, de significado para a experiência educacional-artística.

1.1 Eu: Artista, Docente

A minha história com as artes cênicas se inicia muito antes da graduação, quando estava cursando a 4ª série do ensino fundamental, atualmente chamada de 5º ano, e o professor de artes da turma ensaiou conosco a peça teatral João e Maria. Na distribuição das personagens, eu fiquei com o papel da bruxa que tem a casa de doces. A apresentação aconteceu no evento de final do ano da escola e a plateia estava lotada, principalmente com familiares e amigos dos estudantes. Entrei em cena com toda a minha verdade cênica, mas, me decepcionei ao perceber que a plateia não ficou com medo de mim - afinal era para terem medo da bruxa, mas estavam se divertindo com aquela criança tão entregue à personagem. Trago essa memória para a minha escrita porque foi a partir dessa atividade artística desenvolvida na sala de aula com o professor de artes que despertou em mim a vontade de atuar. E assim,

continuei fazendo teatro na escola ao longo dos anos e, quando conclui o ensino médio, entrei na universidade.

Desde o ano de 2008 possuo graduação em Educação Artística, com habilitação em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. No ano de 2012, iniciei meu trabalho como professora de artes, concursada na rede municipal de João Pessoa. Nos anos de 2014 e 2015, participei como professora supervisora bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID/UFPB, na área de Dança, e, em 2016, conclui a Especialização em *Arte, Educação e Sociedade*, pelo Centro de Ciências Integradas – CINTEP. Além de professora na educação básica, também ministro oficinas de atuação para o teatro, para o audiovisual e trabalho como atriz no teatro, televisão e cinema. Atualmente sou integrante dos grupos Graxa de Teatro e Parahyba Rio Mulher e do Coletivo Atuador, este último que é um grupo de pesquisa em atuação voltada para o audiovisual.

Já atuei em algumas peças teatrais ao longo dos anos e, dentre elas, destaco aqui alguns espetáculos que usaram recursos do audiovisual e experimentaram o virtual como espaço de encenação. São os trabalhos: *Travessia*, de 2018, com direção de Cely Farias, um monólogo em que atuo e no qual experienciei pela primeira vez compor a dramaturgia de uma peça teatral; *Instruções para Ser Humano*, de 2019, com direção de Daniel Porpino. Os dois espetáculos são do Grupo Graxa de Teatro e neles foram utilizados recursos audiovisuais a partir de projeção de vídeos que compunham a cena em diálogo com a encenação. O experimento cênico virtual *Eu-Casa*, do grupo Parahyba Rio Mulher, teve concepção e execução no ano de 2020, período da pandemia de COVID-19 e isolamento social, e foi realizado por quatro atrizes, cada uma em sua casa, atuando por meio do aparelho celular e cujos espaços de exibição transitavam nas plataformas virtuais Whatsapp¹, Instagram² e Zoom³. Por último, o espetáculo *Profanações*, de 2012, dirigido por José Tonezzi e Rubens Velloso, também acontecia simultaneamente em lugares distintos, reunindo atores da UFPB e do grupo teatral PHILA7 que interagiam via mídia digital. As apresentações

¹É um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a *internet*

² É uma rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais

³ É um serviço de conferência remota que combina videoconferência, reuniões online, bate-papo e colaboração móvel

aconteciam em presença física nas cidades de João Pessoa e Rio de Janeiro, sendo transmitidas e abertas ao público também de maneira *online*. Em João Pessoa, as transmissões eram realizadas pelo Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital – LAVID/UFPB e, no Rio de Janeiro, pela OI FUTURO. Vale ressaltar que essa experiência de teatro transmitido online aconteceu anos antes da pandemia de COVID-19. No cinema, meus principais trabalhos como atriz foram os curtas-metragens *O Terceiro Velho*, de 2013, com direção de Marcus Vilar, *Rosas*, de 2019, com direção de Ivan Willig, *Animais na Pista*, de 2021, com direção de Otto Cabral e o longa-metragem *Ambiente Familiar*, de 2019, com direção de Torquato Joel.

Na área da educação, iniciei o meu trabalho como professora, ministrando oficinas de teatro para iniciantes em algumas cidades do interior pelo PROJOVEM – Programa Nacional de Inclusão de Jovens⁴ e também ministrei oficinas para professores do ensino infantil. Depois da aprovação no concurso público para professora de Artes da Educação Básica do Município de João Pessoa, assumi a sala de aula no ano de 2012 e iniciei as aulas como professora efetiva na Escola Municipal Moema Tinoco Cunha Lima, onde trabalho atualmente. Na escola, ofereci oficinas de teatro como atividade complementar à da sala de aula para exercitar e praticar atividades teatrais e, assim, criei um grupo de teatro amador que existiu entre 2014 e 2017. Chamado *Grupo Moema Teatro*, era formado por estudantes da escola Moema Tinoco Cunha Lima. Com esse grupo, dirigi a peça *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, e, com ela, participamos do Festival de Teatro do Estudante, realizado pelo Núcleo de Teatro Universitário - NTU, no Teatro Lima Penante, em João Pessoa. Também fomos convidados a apresentarmos o mesmo espetáculo na Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência -FUNAD, dentro de um evento realizado no mês de outubro em comemoração ao dia das crianças. Outras peças que dirigi com esse mesmo grupo foram *Cuidado, o Flapo vem aí*, de Luciene Evans, *O Barbeiro*, de Jessier Quirino, *O Aniversário* e *A peça do pão*, de Joht Cavalcanti, todas apresentadas na escola, em eventos para a comunidade escolar, além de algumas

4 O Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem Urbano é um programa educacional, desenvolvido em 2008 pelo Ministério da Educação, destinado a jovens com idade entre 18 a 29 anos, residentes em áreas urbanas que, por diversos motivos, foram excluídos da escolarização, com o objetivo de reintegrá-los ao processo educacional, elevar sua escolaridade e promover sua formação cidadã e qualificação profissional, por meio de curso com duração de dezoito meses.

leituras dramatizadas e apresentações de teatro no período da páscoa e auto de natal da escola.

1.2 Escola Moema Tinoco

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Moema Tinoco Cunha Lima é situada à Rua Severino Bento de Moraes, 175 - Cidade dos Funcionários II, João Pessoa – PB, mas, a estrutura física do prédio apresentou problemas graves e durante anos esperamos por uma reforma da prefeitura que nunca houve. Por essa razão, a aproximadamente 6 anos, usamos o prédio da Escola Municipal Antônio Nominando Diniz, à R. Nossa Sra. do Rosário, 175 - Cidade dos Funcionários II, João Pessoa – PB, que era uma escola recém construída, mas nunca chegou a ser inaugurada.

Desde o mês de março de 2020, o prédio onde funciona a escola esteve fechado para as atividades escolares, devido à pandemia causada pelo vírus da COVID-19, funcionando apenas o departamento da diretoria, a secretaria e a cozinha, pois durante esse período sem aulas presenciais, e, sabendo que muitos alunos têm a comida da escola como principal refeição do dia, a merenda escolar continuou sendo preparada pelas cozinheiras. Eram distribuídas quentinhas no horário do almoço para as famílias dos estudantes que estavam matriculados, com todas as medidas de proteção obrigatória. A escola só voltou com as suas atividades presenciais no início do ano de 2022.

A infraestrutura do prédio conta com 14 salas de aula climatizadas, porém, atualmente, os aparelhos de ar-condicionado estão quebrados, sem funcionar, e as salas, como não possuem ventiladores, têm a ventilação ineficiente, o que as torna muito quentes. Para que o ar circule pela sala, é necessário abrir as janelas e a porta, o que traz o barulho externo da rua e dos corredores da escola para dentro da sala, e isto acaba interferindo na aula. A iluminação é adequada, as mesas e cadeiras estão em bom estado, e, para a volta às aulas foram adaptadas cabines de acrílico que ficavam em cima das mesas para evitar o contato entre os alunos e tentar protegê-los da contaminação pelo COVID-19. Entretanto, o uso das cabines se deu apenas no primeiro trimestre, período em que apenas 50% dos alunos frequentavam a escola. Assim que foi decretada, pela prefeitura municipal de João Pessoa, a permissão das

atividades 100% presenciais, essas cabines foram retiradas. Atualmente, as salas estão com quadro de vidro em substituição ao quadro branco, e, dependendo da hora do dia, a claridade do sol reflete no quadro, dificultando a visão do aluno em enxergar o que o professor escreveu. De modo geral, o mobiliário é adequado às necessidades.

Não existe uma sala própria para as aulas de artes. Os lugares com espaço amplo em que possa ser desenvolvida alguma atividade prática são a quadra poliesportiva, que é mais utilizada pelos professores de educação física, e o auditório, mas, este iniciou o ano letivo ocupado com o material da banda marcial e com os materiais escolares e fardamentos para serem distribuídos para os alunos. Assim, qualquer outra atividade ficou sem condições de ser realizada naquele espaço. Até o ano passado, a escola possuía um pátio coberto que era utilizado como espaço para recreação, atividades diversas e também como refeitório, porém, este ano, a prefeitura construiu duas novas salas de aula no local em que estava o pátio, restando agora um pequeno espaço apenas para o refeitório.

Apesar de existir um espaço específico para o laboratório de informática, ele se encontra sem condições de uso para fins didáticos. A promessa era que no ano de 2022, já que a escola iniciou com um sistema de ensino híbrido, o laboratório de informática fosse reativado com novos computadores e internet, haja vista que os antigos foram descartados por estarem obsoletos ou apresentarem defeitos por estarem sem uso há mais de dois anos, porém isso não aconteceu.

O alunado é formado por crianças e jovens do bairro dos Funcionários II e comunidades circunvizinhas. Em sua maioria, os estudantes são oriundos de famílias pobres ou muito pobres, cuja renda é complementada com o benefício do Programa Bolsa Família do Governo Federal.

Os pais ou responsáveis, em sua quase totalidade, possuem escolaridade no nível de Ensino Fundamental incompleto ou completo. Os que estão engajados no mercado de trabalho possuem os chamados "subempregos" ou trabalhos informais, com atuação nas mais diversas áreas. Podemos destacar como profissões mais recorrentes as de empregadas domésticas, trabalhadores da construção civil,

feirantes, cabeleireiros, cobradores, vigilantes, vendedores ambulantes, motoristas, auxiliares de enfermagem, comerciários e funcionários públicos⁵.

Os dados quantitativos e qualitativos acima citados foram conseguidos no Projeto Político Pedagógico da escola Moema Tinoco. Este é um documento oficial da escola que traduz em linhas gerais o processo histórico da instituição, as ideias filosóficas e as práticas pedagógicas que dimensionam suas atividades. Reflete a identidade da escola, seus objetivos, orientações, ações e formas de avaliar os processos de aprendizagens, estabelecendo metas e buscando melhorias. Porém, apesar de oficial, este documento não traduz algumas características sociais, geográficas e econômicas relevantes que são vivenciadas no dia a dia da escola e que interferem no processo de ensino-aprendizagem nela empreendido.

A escola Moema Tinoco está localizada próxima à feira do grotão, famosa feira de alimentos da região, onde também muitos dos pais, mães e os próprios alunos trabalham. É um bairro simples, porém, de muito movimento e crescimento comercial. Mas, como citei acima, muitas famílias dos alunos da escola ainda passam por necessidades financeiras. É comum presenciarmos algumas crianças que vêm para a escola com o intuito principal de se alimentar. Infelizmente, essa triste realidade faz com que boa parte delas tenha dificuldade de aprendizagem. Outro fator relevante é que, como os alunos passaram dois anos com aulas remotas, o rendimento deles, neste ano, caiu mais. Na turma do quinto ano, que escolhi para desenvolver esta pesquisa, a última vez em que estiveram em sala de aula presencial, com o professor e os colegas de turma, foi quando estavam no segundo ano do Fundamental I.

Diante da necessidade de achar uma forma para ministrar as aulas *online*, a solução encontrada pela escola Moema Tinoco foi criar um grupo no aplicativo de conversa *WhatsApp* para cada série/turma da escola. Assim, todos os dias os professores passavam o conteúdo e as atividades em arquivos de *word*, PDF⁶, gravações de áudio ou vídeo. Os alunos respondiam nos seus cadernos, tiravam fotos e enviavam para os professores através do aplicativo. O método acabou sendo precário, diante das tantas possibilidades que poderiam ser usadas com a tecnologia,

⁵Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola, em sua versão mais recente, a fonte para essa informação é o Quadro de Matrícula de março de 2021.

⁶O PDF (PortableDocument Format) é um formato de arquivo, desenvolvido pela Adobe Systems em 1993, para representar documentos de maneira independente do aplicativo, do *hardware* e do sistema operacional usados para criá-los.

mas, como não eram todos os alunos que possuíam aparelhos celulares e internet disponível, não conseguimos ministrar aulas síncronas, o que permitiria uma melhor interação virtual com eles. Muitos desses alunos utilizavam os aparelhos celulares de algum familiar, pai, mãe ou avô, para receber as atividades. Algumas famílias tinham mais de uma criança, conseqüentemente, mais grupos de conversas, e muitas vezes esses **dispositivos móveis** não suportavam tantos arquivos recebidos. Por essas questões, a devolutiva caiu muito e a ausência de participação das crianças aumentou. Devido a essas dificuldades, e para não prejudicar os alunos que não tiveram acesso à internet, a Secretaria de Educação da prefeitura de João Pessoa determinou que todos os alunos fossem aprovados no ano letivo. Assim, nenhum aluno poderia ser retido, até mesmo os que não participaram das aulas virtuais.

O quinto ano do Fundamental I é a série em que, oficialmente, os alunos aprendem a ler, porém, o desafio de 2022 foi tentar preencher a lacuna que ficou dos anos de 2020 e 2021. A sala era bem heterogênea, com alguns alunos que já sabiam ler, ou quase, e outros que ainda tinham dificuldade de reconhecer as letras do alfabeto e juntar sílabas. Semanalmente, são duas aulas de artes, de 45 minutos cada, totalizando 90 minutos de aula. Mas, outro fator importante e relevante é que, nos primeiros meses do ano, as salas funcionavam com 50% dos alunos. As turmas foram divididas em duas, que nominamos de grupo verde e grupo vermelho. O primeiro grupo ia para a escola numa semana e o segundo grupo, na outra. Para não ter diferenças e nem atrasar os conteúdos, as aulas passaram a um formato híbrido: presencial e online. As aulas presenciais tiveram o tempo reduzido, ficando com 30 minutos cada aula, para que, assim, terminássemos uma (01) hora mais cedo, tomando este momento para passar as atividades de forma virtual para a turma que estava em casa na semana.

A realidade da disciplina de Artes antes do contexto pandêmico já tinha as suas dificuldades: o espaço da sala de aula regular, pequena e com cadeiras e mesas, a quantidade de alunos, normalmente de 35 a 40 por sala, o tempo do curso de aula, cuja atenção é disputada com outros oito componentes curriculares, numa carga horária resumida de duas aulas semanais. Muitas vezes, para conseguir dar as aulas de artes cênicas com um espaço mais adequado para o trabalho do corpo e da voz em movimento, era necessário encontrar outro lugar na escola, fosse o pátio, que agora não existe mais, o auditório, ou mesmo as laterais e as áreas externas da

edificação. Mas, encontrar esse lugar adequado para realização das atividades nem sempre dava certo, pois o deslocamento da sala de aula convencional para esses espaços alternativos gerava euforia, dispersão e agitação entre as crianças. Existe um princípio de ordem que deve ser mantido no ambiente escolar e, como essas aulas têm a característica de causar barulhos, pela percepção da direção e de outros professores, os espaços alternativos nem sempre podiam ser utilizados. Outra questão é que o interesse do aluno nas atividades propostas nas aulas muda muito rapidamente. Inicialmente, os estudantes se mostram interessados, mas, é comum esse interesse passar brevemente. Todos esses fatores contribuem para a não realização de experiências que possibilitem aos alunos vivências voltadas para uma prática cênica efetiva e participativa. Trato aqui da minha realidade específica, mas é perceptível que, na maioria das escolas, há na disciplina de Artes um grande problema: conciliar o pensar e o fazer artístico com o pensar e o fazer pedagógico.

No contexto atual, além das dificuldades que já existiam, outros obstáculos surgiram, visto que era preciso evitar aglomerações entre as crianças. Então, foi necessário reorganizar e repensar o deslocamento da sala de aula convencional para um espaço alternativo, o trabalho em grupo, as salas de aula que já tinham problemas com mesas e cadeiras e a novidade das cabines de acrílico, além da deficiência na alfabetização.

1.3 O celular e o audiovisual na sala de aula

Frequentemente, a área da educação é provocada por novos problemas ou desafios e, devido ao avanço das novas tecnologias, surgem mudanças que atravessam todos os setores da sociedade em um ritmo cada vez mais acelerado. Assim, não há como deixar de considerá-las na nossa área, pois, isso só distanciaria ainda mais o alunado que já é constantemente seduzido pelos aparelhos tecnológicos tão presentes nas nossas vidas. Portanto, acompanhar as mudanças e agregá-las ao ensino é importante e estratégico para conquistar o interesse dos alunos pelas aulas.

O uso do dispositivo de telefone móvel, celular, há muito tempo já faz parte do nosso dia a dia e percebe-se que as crianças têm, cada vez mais, muita

naturalidade para manusear estes ou qualquer outro aparelho tecnológico. No texto *Nativos digitais, Imigrantes digitais*, Marc Prensky traz a seguinte informação:

Os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital (PRENSKY, 2001,p.1)

E, com estas reflexões, mais à frente no mesmo texto, ele denomina os estudantes atuais como *nativos digitais*:

Nossos estudantes de hoje são todos “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet. Então o que faz o resto de nós? Aqueles que não nasceram no mundo digital, mas em alguma época de nossas vidas, ficou fascinado e adotou muitos ou a maioria dos aspectos da nova tecnologia são, e sempre serão comparados a eles, sendo chamados de Imigrantes Digitais.(PRENSKY, 2001, p.1)

Vale ressaltar que Prensky fala dos estudantes no ano de 2001 e, nos últimos 22 (vinte e dois) anos, muita coisa mudou **na tecnologia com o avanço dos seus aparelhos, na internet que adentrou em outros lugares além do computador e também no mundo virtual** como a criação e evolução das redes sociais, onde, cada vez mais, as pessoas se expõem, se posicionam, interagem com outras pessoas, trabalham e têm uma vida paralela à vida real.

Com esta pesquisa, não tenho a intenção de fazer um aprofundamento nas reflexões filosóficas, mesmo que as utilize, sobre o comportamento social dos jovens atuais com o uso da tecnologia nas suas vidas, mas, sim, de refletir sobre como usá-las dentro da educação, pois percebo que mesmo os estudantes sendo *nativos digitais*, e com todos os avanços tecnológicos, o aparelho celular ainda é pouco utilizado dentro da sala de aula como um elemento que ajude no processo de ensino-aprendizagem, pelo menos em escolas da rede pública.

Durante o período de isolamento social devido à pandemia do COVID-19, todas as nossas atividades foram reorganizadas para uma forma remota e foi a **tecnologia e o virtual** que permitiram mantermos nosso trabalho e as aulas de forma ativa, mesmo à distância, mas, houve um estranhamento, resistência e, para muitos, uma falta de conhecimento sobre como utilizar esses meios de comunicação no contexto que se apresentava. O que acontece é que atualmente a tecnologia não pode ser ignorada, e nem se pode resistir a ela. As tecnologias existem e, principalmente após o período pandêmico, assumiram um papel muito mais forte na sociedade e,

consequentemente, na educação. No artigo *A pedagogia do dispositivo: Um método para a educação audiovisual*, do grupo Semente Audiovisual, Ana Bárbara Ramos faz a seguinte observação sobre metodologias ativas para resolução de uma crise na educação instalada pela pandemia:

Com a crise na Educação instalada pela pandemia, o debate sobre as possibilidades metodológicas foi reaquecido e intensificado. Nesse cenário, muito se tem discutido em torno das metodologias ativas, que podem ser sucintamente descritas como abordagens pedagógicas que centralizam o estudante no processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, um aprendizado ativo é aquele que engaja os estudantes, individual ou coletivamente, em atividades e ações variadas, dentre as quais se encontra o ensino híbrido. (RAMOS et al, 2021, p 9)

A autora continua no mesmo texto refletindo sobre a importância da inserção dos dispositivos e da linguagem do audiovisual na educação:

É evidente que tal perspectiva metodológica desafia as professoras e professores, que se veem muitas vezes diante das limitações pessoais e são desafiadas pelos dispositivos a superá-las por meio da construção coletiva do saber com o grupo, atravessando as dificuldades de ordem técnica ou mesmo metodológica. Sem desconsiderar tais problemas, reconhecemos que a linguagem audiovisual já ocupa um lugar central nos processos de sociabilidade contemporâneo, de tal modo que, na pandemia, ela tem sido fundamental para a manutenção dos vínculos entre estudantes e professores. Pensar a linguagem audiovisual pedagogicamente se coloca, portanto, como uma demanda dos profissionais da educação do século XXI e mobilizá-la em práticas educativas é um desdobramento inevitável. (RAMOS et al, 2021, p 10)

Com a volta das atividades presenciais, e, partindo da minha realidade, onde o ensino de artes cênicas com base nas abordagens pedagógicas mais tradicionais de ensino do teatro não está sendo possível, uma vez que a deficiência, a analfabetização e a falta de concentração dos estudantes estão mais acentuadas, trago o seguinte questionamento: a utilização da câmera do celular como um recurso de audiovisual nas aulas de artes auxiliaria a superar o desinteresse nas atividades presenciais dos estudantes do quinto ano B? É esse o questionamento disparador para iniciar a pesquisa.

A partir da minha experiência artística no audiovisual, pretendo, com esta investigação, ampliar meus conhecimentos teóricos no âmbito do ensino das artes cênicas e unir os meus conhecimentos enquanto professora e artista, utilizando o recurso do audiovisual como ferramenta de ensino/aprendizagem, além de desenvolver um trabalho que possa alcançar e contribuir com a minha prática artística e docente. Objetivo, ainda, avaliar o uso do celular como recurso metodológico para

o ensino de Artes, com vistas a ajudar outros professores e, também, possibilitar ao estudante o desenvolvimento da criatividade, da atenção e da imaginação criadora a partir da experiência ativa no processo. A autora Índia Mara Aparecida Holleben traz em sua dissertação *Cinema e Educação, Diálogo Possível* a seguinte observação:

O cinema passa a ser um espaço de ensino e aprendizagem de fundamental importância para a formação das gerações presentes e futuras, afirmando-se como um novo sistema de linguagem no registro da realidade social, e instrumento de validade científica para ser usado na educação escolar. (HOLLEBEN, 2007, p.04)

O ensino de Artes na escola, em qualquer linguagem, pode contribuir para o desenvolvimento do sujeito ativo, protagonista no processo de construção do conhecimento, uma vez que trabalha com fenômenos estéticos e, portanto, estimula os sentidos, a percepção de si, do outro e do contexto. Ao aguçar essa qualidade do sentir, não apenas o ensino de teatro e dança, mas das Artes de modo geral, promove outro olhar do indivíduo sobre a realidade. Isso acontece porque, ao criar ficções, a arte possibilita a visualização de futuros possíveis, imprime outro olhar do sujeito em relação ao que lhe é posto e determinado e o faz pensar de maneira diferente.

O título proposto para esta pesquisa parafraseia o cineasta Glauber Rocha, que disse “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, no despontar do *Cinema Novo*, pelos idos da década de 1960, e que reivindicava para o Brasil uma maneira genuína de fazer cinema, na contramão das caras produções estadunidenses, propondo, entre os modos de fazer filmes, que se fosse às ruas filmar de improviso, registrar o país e a vida do povo brasileiro. Pretendo, neste estudo, **usar a câmera do dispositivo móvel, celular**, para que as crianças sejam produtoras/criadoras de arte, estimuladas pela tecnologia, e que essa ferramenta conquiste o interesse do aluno, auxiliem no seu aprendizado e alfabetização e ajude no desenvolvimento da sua autoestima, fazendo-o protagonista das suas atividades, deixando as ideias soltas para que possa transformar o seu cotidiano em arte. A ideia é que as crianças criem suas próprias histórias, roteiros, e seus próprios vídeos usando os aparelhos celulares. Migliorin, em seu livro *Inevitavelmente Cinema: educação, política e mafuá*, traz uma fala sobre o cinema na educação e a observação de mundo:

na educação me parece que essa relação do cinema com a alteridade e com a comunidade se expressa justamente nos possíveis deslocamentos que o cinema faz com os objetos do mundo; produzindo estranhamentos, novas formas de olhar, sentir e intervir no real”. (MIGLIORIN, 2015, p.130)

A pesquisa visa desenvolver conteúdos e exercícios que contribuam para além dos muros que bloqueiam a criatividade, utilizando elementos importantes não apenas para o conhecimento na área das artes cênicas, mas também na atuação geral dos alunos em seus processos educacionais. Pretende-se investigar como a ferramenta tecnológica cotidiana, o celular, pode se caracterizar como uma fonte em potencial para o desenvolvimento de uma metodologia que o torne um aliado nestes processos, experimentando e discutindo técnicas e propostas de vídeo, gravação e atuação que a ferramenta possibilita.

Procuro associar a ideia do audiovisual com as abordagens pedagógicas do ensino do teatro que já trabalham com jogos de improvisação. A ideia é que o material possibilite ao aluno pesquisar e refletir sobre o seu cotidiano pela tela do aparelho celular. Conteúdos teóricos e práticos que propõem uma alternativa para que o aluno desenvolva a expressividade, a imaginação criadora e a atenção a si, ao outro e aos contextos em que está inserido, de forma criativa, crítica e cênica. No artigo de Alves e Aragão *A Arte Cinematográfica na educação escolar quilombola: modos de educar Gurugi e Ipiranga*, da escola Semente educação audiovisual, as autoras relatam a importância de trazer o cinema para a sala de aula:

O audiovisual é uma linguagem educativa importante nas práticas escolares, porque potencializa o fazer docente. Atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental implica encontrar estratégias para dinamizar as aulas” (ALVES e ARAGÃO, 2019, p. 78).

Contudo, como professora de Artes, sei que não é tão fácil desenvolver propostas que realmente possibilitem empreender experimentações no campo da educação, tendo em vista os contextos já citados anteriormente. Como já mencionei, articular o pensar e o fazer artístico com o pensar e o fazer pedagógico acaba se tornando uma tarefa árdua e complicada. Digo isso como uma artista que se vê na condição de professora e que, a partir de preceitos que contemplam a poética, encontra dificuldades na transposição didática deste conhecimento para a realidade da sala de aula formal.

1.4 Procedimentos metodológicos

A pesquisa propõe a utilização da câmera do aparelho celular para exercícios de audiovisual como recurso metodológico para o ensino de Artes, de maneira a possibilitar ao aluno desenvolver a imaginação criadora a partir da elaboração de roteiros e material de vídeo no processo de ensino-aprendizagem. Com esse objetivo, a prática com os aparelhos tecnológicos foi realizada com um grupo focal formado por discentes do quinto ano B da Escola Municipal de Ensino Fundamental Moema Tinoco Cunha Lima.

Trata-se de uma investigação qualitativa, na modalidade etnográfica, com abordagem de pesquisa participante, cujos principais instrumentos de análise foram a observação participativa, envolvendo a tomada de nota, fotografias, vídeos e relatórios realizados pelos estudantes após cada etapa do processo de criação.

Dividi a pesquisa em três fases. Como este trabalho se refere à utilização do dispositivo móvel celular como abordagem pedagógica aplicada ao ensino do teatro, a primeira fase foi fazer uma pesquisa bibliográfica pertinente às noções de audiovisual, arte e tecnologia nos processos de ensino-aprendizagem e no contexto específico das artes cênicas, assim como aos demais assuntos referentes ao tema e aos procedimentos metodológicos, o que deu suporte à segunda e à terceira fases desta pesquisa, que trataram do desenvolvimento prático com as crianças.

A segunda fase aconteceu em duas partes. Iniciei com uma sondagem do entendimento do que é o audiovisual e depois partimos para atividades práticas. Começamos com exercícios de observação do espaço escolar, permitindo que o cotidiano dos estudantes fossem vistos como material criativo para o desenvolvimento do trabalho audiovisual. Criação de desenhos, câmara escura e sensibilizações para que as crianças pudessem desenvolver o lúdico e abrir possibilidades criativas. Ao final das atividades, os alunos utilizaram os seus cadernos para tomarem nota e fazerem relatórios. Neste caso, vale salientar que não houve uma exigência quanto ao formato do relatório. Deixei aberta a possibilidade de apresentarem e entregarem a mim em quaisquer formas, fossem sínteses, críticas ou mesmo alguma escrita em formato que não se encaixasse na definição de relatório. Nesse primeiro momento, estava no meu planejamento já utilizar o aparelho celular como recurso para que os estudantes apreciassem os seus exercícios em vídeo, porém, foi preciso reorganizar algumas etapas, pois, as crianças do grupo focal não tinham celulares e, assim, não

poderiam levá-los para a escola. Deste modo, para a execução das atividades foi usado apenas o meu aparelho.

No segundo momento desta fase, utilizamos o celular para execução dos exercícios e foi organizado um cineclube para assistirmos a filmes e debater sobre eles. Ao final de cada sessão, foram realizadas rodas de discussões com os estudantes sobre os filmes exibidos e entregue um questionário individual que tinham que responder. Perguntas sobre os filmes para exercitar a interpretação das histórias e já estimular a criação de suas próprias histórias no formato de audiovisual.

A terceira e última etapa também dividi em duas partes. Iniciamos a primeira com as criações de roteiros em grupos, partindo das ideias dos estudantes, e, em seguida, desenvolvemos o trabalho prático de filmagens com a câmera do celular. A ideia inicial era que criássemos mais de um filme, porém, como tínhamos apenas um aparelho, foi necessária uma votação entre eles para escolher qual das histórias se transformaria em filme. Ganhou a proposta de um documentário sobre a escola. Após as imagens captadas, iniciou-se o processo de edição dos vídeos. E, para finalizar, a segunda parte da terceira etapa foi a exibição do documentário em sala de aula para toda a turma do quinto ano B.

A pesquisa com o grupo focal teve duração de cinco meses, realizada com dois encontros de 45 minutos ou um de 90 minutos semanais, o equivalente à carga-horária da disciplina de Artes atualmente. Enveredou na busca de uma resposta para a pergunta disparadora da investigação, coletando dados através de fotos, filmagens, relatórios ao final de cada encontro e anotações em um diário de campo.

1.5 Fotografia, Audiovisual e Celular

Uma vez que o **dispositivo de telefone móvel celular** foi o objeto usado na pesquisa para criação de audiovisual com os estudantes do quinto ano B da escola Moema Tinoco, faz-se necessário, aqui, informar o que é o audiovisual, seus conceitos e características. E, para trazer essas informações, é importante também falar sobre a fotografia, que é fundamental para o surgimento do audiovisual. Portanto, neste tópico, farei um breve histórico da Fotografia, do Audiovisual e do Celular.

Atualmente, a imagem é uma das formas de comunicação mais frequentes e potentes entre as pessoas. Ao longo dos anos, a consumimos cada vez mais no nosso cotidiano e ela circula com muita velocidade, principalmente por meio das mídias. De acordo com o site Wikipédia⁷, "imagem é uma palavra que vem do latim *Imãgo* e se refere a figura, representação ou aparência de algo". É sabido que desde os primórdios, o ser humano sempre buscou formas de retratar o mundo ao seu redor. As representações de artes rupestres, por exemplo, relatam, em forma de pintura das paredes das cavernas, a realidade em que se vive, sendo, então, os desenhos, pinturas e esculturas as primeiras linguagens visuais usadas para representar as imagens da vida real. Os autores João Alexandre de Almeida Carnavos, Rafael Sarrasqueiro e Cristina Novioff, na parte introdutória do texto *Entre sombras: a importância do uso das sombras para criação de imagens sensuais*, sobre a imagem, fazem a seguinte observação:

A humanidade sempre buscou formas de reproduzir os acontecimentos do cotidiano, de transmitir sua cultura e ensinamentos. No começo de nossa sociedade, a arte rupestre cumpria esse papel e conforme a evolução da sociedade e as formas como reproduzimos também evoluíram: a pintura dos Egípcios, a arte nos papiros e a pintura nas capelas e quadros demonstram a evolução das técnicas para representar o cotidiano em nossa sociedade. (CARNAVOS et al, 2016, p. 203)

A fotografia surge no século XIX e uma das precursoras da sua criação é a câmara escura, que, segundo a definição no portal *infoescola*⁸, "é uma caixa composta por paredes opacas, que possui um orifício em um dos lados, e na parede paralela a este orifício, uma superfície fotossensível é colocada". Sua criação é atribuída a Aristóteles, que a utilizava para observar eclipses, e também foi usada por Leonardo da Vinci para ajudar nas suas pinturas. Ao olhar numa câmara escura, por razão do orifício que permite a entrada da luz, consegue-se ver a imagem do lugar projetada, porém, esta aparece invertida. É nos estudos de pesquisa de como fixar essas imagens da câmera escura numa superfície que surge a Fotografia. Walter Benjamin faz a seguinte observação em seu ensaio de 1931, *Pequena história da fotografia*:

A névoa que recobre os primórdios da fotografia é menos espessa que a que obscurece as origens da imprensa; já se pressentia, no caso da fotografia, que a hora da sua invenção chegara, e vários pesquisadores, trabalhando independentemente, visavam o mesmo objetivo: fixar as imagens da câmera obscura. (BENJAMIN, 1931, P.91)

⁷A Wikipédia é um projeto de enciclopédia multilíngue de licença livre

⁸ Definição de câmara escura no portal Infoescola: <https://www.infoescola.com/fotografia/camara-escura/>

Com o surgimento da fotografia, as representações da realidade de forma visual, que antes eram feitas através do desenho e da pintura, passam a ter mais um processo capaz de registrar os momentos de uma época, agora também de maneira mecânica. A arte reproduz a cultura do seu tempo e, durante o aparecimento da fotografia, a sociedade vivia o período da revolução industrial e da efervescência tecnológica, como bem relata Lídia Farias em seu artigo *A Fotografia ao Longo do Tempo: da Kodak ao Instagram*:

Nessa conjuntura, a fotografia retratou as características de uma sociedade durante o período de transformação e de efervescência tecnológica: a sociedade industrial substituiu a manufatura e o artesanato pelos processos mecânicos. A câmera fotográfica é exemplo dessa transformação, uma vez que se constitui em um processo mecânico e tem características distintas de do desenho e da pintura, técnicas que até então eram utilizadas como modos de representação da realidade social. (FARIAS, 2014, p.2)

Com a fotografia, as imagens passaram a ser reproduzidas com maior velocidade do que as que eram feitas à mão. Nesse mesmo artigo, Farias faz a seguinte afirmação:

A máquina passou a exercer funções que antes eram destinadas as mãos, aos lápis e aos pincéis. Os novos procedimentos evidenciaram as mudanças da produção da imagem: maior velocidade e maior realismo em relação à pintura. (FARIAS, 2014, p.2)

Essa velocidade também acontece na produção das câmeras fotográficas, que vão evoluindo e se popularizando. Outra reflexão sobre a fotografia é apresentada pelos autores Lídia Santos Arruda, Cristina Novikoff e Otávio Barreiros no artigo *Fotografia: arte, educação e estética*:

A fotografia como instrumento intelectual emerge do pressuposto de que ela instiga a comunicação entre a realidade interna e externa do sujeito, pois aguça a curiosidade, desperta o interesse e retém na memória o sentimento, a imagem e os signos apreendidos, além de permitir a construção de novos pensamentos. Assim, a fotografia incita a imaginação e colabora na compreensão da percepção sobre o mundo, o si e as coisas (ARRUDA et al, 2016, p.85)

Paralelamente à evolução da fotografia, surgiam invenções que tentavam transformar imagens estáticas em imagens em movimento, o que também sempre foi um interesse dos seres humanos desde a antiguidade, quando, pelo encanto do movimento das sombras, criou-se o teatro de sombras, por exemplo. Em vários lugares do mundo, inventores criavam objetos que pudessem projetar essas imagens.

Dentre eles, estavam os irmãos Lumière, que inventaram o cinematógrafo⁹, aparelho movido manualmente e que era capaz de gravar e projetar imagens em movimento. Por essa razão, os irmãos ficaram conhecidos como os pais do cinema. No artigo *Uma invenção e três revoluções: Uma breve história do audiovisual*, os autores Castro, Junior e Nunes afirmam:

A história do audiovisual está intrinsecamente ligada à história do cinema. Essa é uma assertiva que afasta, sob dois aspectos, a crença de que um e outro eram um só objeto. O primeiro aspecto é que quando surgiu – ou quando se convencionou seu surgimento, em 28 de dezembro 1895 – o cinema era meramente uma arte visual. Tornar-se-ia efetivamente audiovisual na medida em que o componente sonoro foi incorporado aos elementos imagéticos, em decorrência de lentas experiências iniciadas no fim do século XIX, avançando pelo século XX, para consolidar-se somente no fim da década de 1920. (CASTRO, 2018, p.3)

Nas filmagens dos irmãos Lumière, a câmera é que ficava estática enquanto as imagens estavam em movimento. Eles filmavam cenas do cotidiano, pessoas saindo da fábrica, pessoas indo pegar um trem, pais dando comida a um filho. Em sua dissertação, o autor Lennon Pereira Macedo faz a seguinte observação sobre as obras dos irmãos Lumière:

Henri Langlois fala em entrevista para Éric Rohmer no filme *Louis Lumière* (1968) que os operadores de câmera de Lumière não filmavam a realidade histórica, a história, mas a vida em uma determinada época, e dessa vida é possível intuir a arte, a filosofia e o pensamento de tal época. (MACEDO, 2019. p.24)

Depois do cinematógrafo, com o passar dos anos, as câmeras foram ganhando qualidade de imagem, captação de som, de cor, tamanho, se modernizando. Dando um grande “salto” na linha do tempo, chegamos ao celular, aparelho que surgiu apenas como um **dispositivo de telefone móvel**, mas que, hoje, com sua evolução, também é chamado de *smartphone*¹⁰, aparelho eletrônico com recursos de computador, acesso à internet e que possui, além de tantas outras funções, câmera com recurso de foto e vídeo, o que torna possível e acessível a produção de audiovisual a qualquer pessoa. Os locais de exibição das produções

⁹O cinematógrafo caracteriza-se por ser um aparelho híbrido, associando as funções de máquina de filmar, de revelação de película e de projeção, ao contrário de outros aparelhos que dele derivaram, como a câmera com funções exclusivas de captação de imagem e o projetor de cinema, capaz de reproduzir essas imagens sobre uma superfície branca e lisa.

¹⁰Um **smartphone** (palavra inglesa que significa “telefone inteligente”, ainda sem correspondente em português) é um celular (telemóvel em Portugal) que combina recursos de computadores pessoais, com funcionalidades avançadas que podem ser estendidas por meio de programas aplicativos executados pelo seu sistema operacional (SO - *sistema operativo*, ou OS – *operating system*), chamados simplesmente aplicações.

audiovisuais também foram se ampliando, surgindo, para além das telas de cinema, televisão e, mais pra frente, com o avanço da tecnologia, as plataformas digitais, onde o acesso ao audiovisual ficou muito mais rápido.

TAKE 2: SILÊNCIO NO SET

2 Iniciando as atividades. Exercitando os olhares

A volta às aulas nesse ano de 2022 foi diferente de todas as outras. Após dois anos de distanciamento social e aulas *online* sem a presença física professor/aluno, acolher as crianças em sua chegada era imprescindível para que elas sentissem aquele espaço “novo” como um lugar seguro. Esses estudantes estiveram presencialmente na escola quando estavam no segundo ano do ensino fundamental I e tinham, em média, de cinco a sete anos de idade, portanto, no primeiro contato do retorno, era importante que houvesse um caráter mais acolhedor. Em sua obra, Paulo Freire aborda a amorosidade na relação do professor com o aluno, o que pode contribuir tanto para o aprendizado do estudante como na evolução do professor:

é na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sóciohistórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica. (FREIRE, 1996, p. 11).

Então, no nosso primeiro encontro, neste retorno, apresentei-me como a professora de Artes dos estudantes e falei um pouco sobre mim e o meu trabalho. Não falei nada sobre a pesquisa, quis conhecer um pouco mais sobre cada estudante e fiz uma roda de conversa para que cada um e cada uma se apresentassem, primeiro dizendo seu nome e depois algo que mais gostasse de fazer. Começaram de forma tímida, mas, depois as apresentações foram fluindo e foi um bom exercício de fala e escuta. Por serem do quinto ano e terem um professor pedagogo em sala diariamente, e como minha presença se dá apenas em dois encontros semanais, fazia-se necessário esse momento de conquistar a turma antes de começar a pesquisa.

Como no início das aulas a turma estava dividida, conheci os alunos em dois momentos. Na primeira semana, um grupo, e, na segunda semana, outro grupo. Uma turma numerosa e heterogênea que totalizava 35 alunos. Nesse primeiro momento, como descrevi no capítulo I, em cada carteira havia uma cabine de acrílico que isolava dos estudantes, que tinham de utilizar as máscaras pessoais. O cenário era um desafio pra mim também, que, professora há mais de dez anos, me vi numa situação nova, precisando encontrar outros caminhos para desenvolver o meu trabalho em sala de aula.

Inicialmente, quando pensei no projeto para o mestrado, imaginei que começaria a pesquisa com os estudantes já usando o aparelho celular nas atividades propostas, mas, diante das dificuldades apresentadas, já nas primeiras aulas com o quinto ano B, vi as deficiências que aquela turma enfrentava e que, provavelmente, são reflexos do período de isolamento social: os conflitos na convivência, na alfabetização, dificuldades de interpretação, criação do imaginário e ansiedades. Para quem está em sala de aula há um tempo, já é sabido que essas dificuldades sempre existiram, pois a escola é um ambiente de convivência, mas, justamente pela falta de convivência nesses últimos dois anos, os conflitos apareceram com maior frequência. Segundo Freire:

É na escola que se aprende a conviver e, um dos lugares onde se aprende a interpretar o mundo. É o espaço onde as regras e as leis regulam a convivência, o diálogo, a interação, onde se constrói as relações pessoais. (FREIRE, 1975, p. 77).

Então, senti a necessidade de começar com uma introdução sobre o que é Arte e as suas linguagens e percebi que houve uma dificuldade da turma em compreender e diferenciar as linguagens artísticas. Assim, dediquei os primeiros encontros para fazer essas explicações e poder seguir com a pesquisa. No *e-book Dispositivo de criação audiovisual: Propostas para a sala de aula*, os autores fazem a seguinte afirmação:

Na maioria das vezes, associamos as questões ligadas ao audiovisual à tecnologia, aparelhos e recursos que podem ser caros e inacessíveis. Entretanto, os princípios da linguagem audiovisual estão muito mais relacionados ao nosso corpo, sentidos e às formas de ver e ouvir o mundo. (Escola Semente, 2022, p.06)

Inspirada nesta ideia, antes de começar a prática com o aparelho celular, decidi por exercitar os olhares e os sentidos dos estudantes. Saímos da sala de aula e pedi que observassem os espaços da escola, percebessem esses lugares e criassem desenhos a partir do que mais chamou a sua atenção.

2.1 Desenhando o espaço escolar

Durante a explicação sobre a linguagem das artes visuais, foquei no desenho e na fotografia, que são as artes que antecedem o audiovisual. Na primeira atividade com o grupo focal, saí com os estudantes para caminharmos por toda a escola e os orientei que observassem cada detalhe do espaço escolar. Depois, pedi que escolhessem algo que mais chamasse a sua atenção e desenhassem. Os nossos olhos são as primeiras lentes a que temos acesso para ver o mundo, e propus que essa seria também a primeira lente que utilizaríamos nas atividades. Os estudantes saíram com seus cadernos de desenhos, lápis e borrachas pelos corredores, pátio, quadra e área externa da escola, olhando e observando cada detalhe. Como é uma turma numerosa, precisei ter uma atenção dobrada para que a turma não se dispersasse. Depois de caminharem por todo o espaço escolar, a maioria decidiu desenhar a frente da escola, como ilustrado nas figuras 1 e 2:



Figuras 1 e 2: Fotos dos estudantes na atividade de desenhar a escola Moema Tinoco
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

Achei curioso que a maioria da turma tenha decidido desenhar a fachada da escola. Para alguns, era como se estivessem observando-a pela primeira vez. Ao retornarmos à sala, fizemos uma roda de conversa e pedi que mostrassem os seus desenhos e falassem sobre a atividade. Durante o bate-papo, os estudantes falaram, na sua maioria, que gostaram do exercício de percorrer o espaço escolar para desenhar e das novas descobertas que fizeram, como, por exemplo, uma árvore que fica na área externa, próxima à entrada da escola e que muitos nunca tinham observado. Notei que, com essa atividade, os estudantes passaram a observar a escola com “outros olhos” e a perceber detalhes que antes eram despercebidos.

Refletindo sobre esse exercício, e, a partir dos depoimentos feitos pelos estudantes na roda de conversa, mesmo sendo uma atividade simples, concluo que

ela traz o sentimento de pertencimento àquele ambiente escolar. “Pertencimento é qualquer espaço que permita ao indivíduo uma identificação pessoal que desperte nele o desejo de estar ali” (MORICONI, 2014). A caminhada pelo espaço tira da rotina "portão de entrada/sala de aula – sala de aula/portão de saída", e permite observar as tantas possibilidades que aquele espaço escolar tem e que podem ser exploradas por eles, além de provocar a percepção de que fazem parte daquele espaço.

Despertar esse sentimento de pertencimento no estudante, facilita e melhora o desempenho do aluno naquele espaço, pois o aluno se sentirá mais motivado a fazer algo num lugar que não é só para aprendizagem, mas um lugar que também lhe pertence. Quando a criança caminha pelos espaços da escola e começa a observar aquele lugar de forma consciente, não se trata apenas realizar um exercício proposto pela professora, mas, de olhar, achar interessante, ver coisas diferentes num lugar aonde vai todos os dias e que também é seu lugar.

2.2 Construindo uma câmara escura

Iniciei a atividade seguinte falando sobre o surgimento da fotografia e sobre a câmara escura. Para essa aula, levei muitas imagens e, dentre elas, fotografias reveladas, para ilustrar melhor e despertar o interesse dos alunos na atividade. Foi interessante observar o rosto dos estudantes curiosos e atentos por descobrirem que a “câmera fotográfica não surgiu com o celular”. Chega a ser engraçada essa observação, mas, esses estudantes são os já citados *nativos digitais* e, pela faixa etária em que estão, 9 ou 10 anos, conclui-se que já nasceram todos na geração dos *smartphones*.

Dentro do meu planejamento, decidi que essa seria uma atividade prática. Aproveitei a sugestão do livro didático *Novo Pitangui Arte* (2019), utilizado na turma do quinto ano, que, no seu primeiro capítulo, propõe a criação de uma câmara escura para ser feita em sala de aula e contém as informações para criá-la. Existem várias possibilidades de objetos que podem ser utilizados para a criação de uma câmara escura. Nessa, faríamos uso de uma caixa de sapato, material reciclável, de fácil acesso e sem custos. Os estudantes levaram, então, as caixas de sapatos para a aula e eu providenciei o restante do material necessário: papel seda branco, cartolina

guache preta, colas, régua e tesouras. Para adiantar a tarefa, construí a minha câmara escura em casa e levei como exemplo para que eles pudessem entender melhor o processo e ver como seria o resultado final. Pedi que cada um olhasse para a janela, lugar da sala com mais luz, através da câmara escura que eu levei. As reações foram muito positivas e entusiasmadas. Ficaram encantados por como podiam estar vendo as imagens da rua dentro de uma caixa de sapato. Isso os deixou mais animados para a atividade (figura 3).



Figura 3: Foto da atividade criando uma câmara escura em sala
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

Dividi a sala em cinco grupos, como podemos ver na figura 4. Poucos não trouxeram caixas e estes participaram da atividade ajudando os colegas na construção da câmara, assim como também ajudei na criação, marcando traços com régua ou mesmo recortando algumas partes, como podemos ver na figura 5.



Figura 4: Fotos da atividade criando uma câmara escura em sala
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)



Figura 5: Foto da professora (a autora) ajudando na atividade da câmara escura em sala
Fonte: dados da pesquisa direta (2022)

A produção da câmara escura se deu em quatro encontros, entre explicação da atividade, confecção da câmara e execução prática. Na confecção da câmara escura, os alunos precisaram recortar um retângulo com a cartolina guache preta e depois deixá-lo vazado para que pudessem colar a folha do papel seda. A cartolina servia como sustentação e os estudantes lhe deram o nome de “televisãozinha”, por

ter um formato que lembra as televisões de tela plana e também por ser na folha de papel seda que seriam vistas as imagens. Então, o retângulo foi colado dentro da caixa e na parte de trás da caixa foi feito um pequeno furo, por onde entra a luz e, assim, as imagens externas são captadas. Do outro lado da caixa, foi feito um furo maior, que é por onde a criança coloca o olho para ver as imagens aparecendo dentro da caixa. Qualquer outra entrada de luz teria que ser vedada, pois a caixa tem que realmente ficar escura para que o objeto funcione. Com a câmara pronta, voltamos a andar pelo espaço escolar, como na atividade anterior, só que dessa vez, observando esses espaços através de um objeto, no caso a câmara escura. Provoquei os alunos a observarem os mesmos lugares, e até mesmo os que eles tinham escolhidos para desenhar. Vale salientar que a imagem que aparece dentro da caixa fica invertida, de cabeça pra baixo, e esse fator já dava uma camada diferente para aquele lugar antes observado apenas a “olho nu”.

Esta atividade é uma proposta prática e, ao mesmo tempo, lúdica, que desperta os sentidos desde o tato, em conjunto com desenvolvimento da coordenação motora. O resultado gera, além do impacto visual que provoca deslumbre diante de algo novo, e a partir de outra forma de observação do mundo exterior, um movimento interior de sensações e percepções. E essas observações do mundo e imagens em movimento já são uma referência para iniciarmos as criações com o audiovisual.



Figura 6: Estudantes observando com suas câmaras escuras em sala de aula
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)



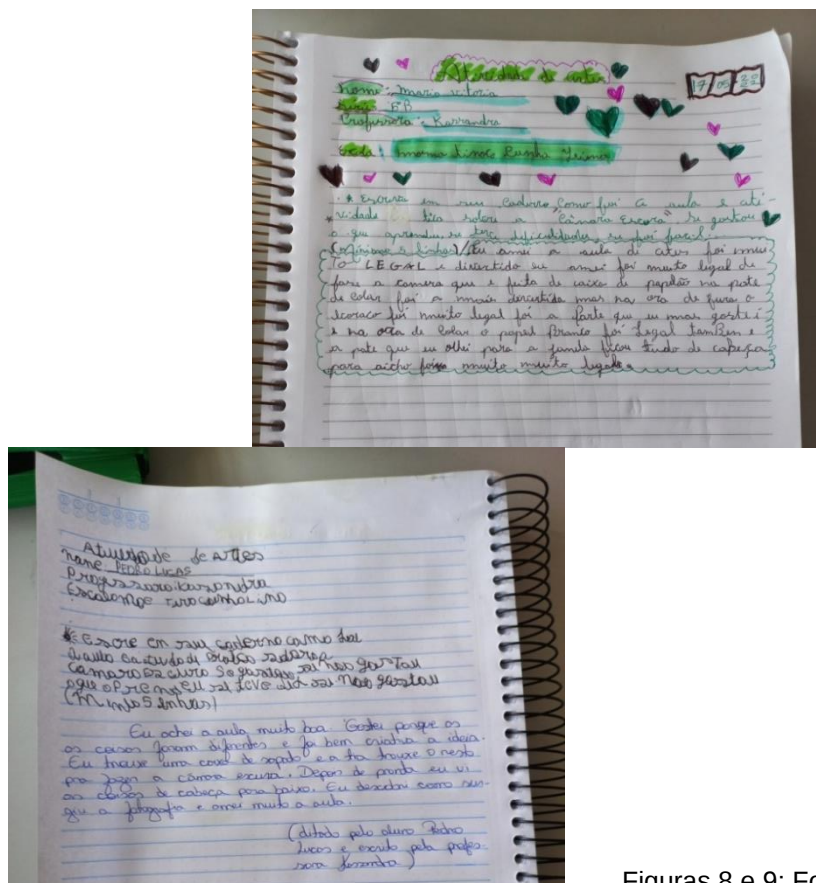
Figura 7: Estudantes observando a área externa com a câmera escura
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

Propor que os estudantes criem algo manual, concreto, que eles possam tocar e usar, é interessante para esta pesquisa que tem como objetivo investigar o uso do celular como um auxiliar no ensino-aprendizagem. É que, dessa forma, levarão essas imagens para o modo virtual. O exercício da criatividade é algo que não tem limites e, vivendo numa época em que as relações virtuais estão aumentando, desenvolver uma atividade manual, presencial e em coletivo fortalece o ambiente de convívio pessoal.

Apesar dos grandes benefícios das atividades em grupo, estas, a princípio, não são tão fáceis de serem executadas, pois, normalmente há alguns atritos entre as crianças, seja por pegarem o material um do outro, ou por não quererem fazer o trabalho com alguém em específico. E, quando a indisciplina acontece, me vejo num desafio de tentar conversar, entender porque não querem fazer a atividade, sem obrigar a estar num grupo que não queira, e o diálogo nesse momento é essencial. Nesta atividade com a câmara escura, os atritos não aconteceram, mesmo com aqueles que esqueceram de trazer a caixa. Observei o comportamento da sala e os alunos estavam muito concentrados e empolgados em fazer a câmara escura.

Percebo que quando há uma atividade que é em grupo, porém, cada estudante cria o seu objeto individual, ela é mais fácil de ser executada do que quando se trata de um trabalho em grupo para a criação de um único objeto, pois eles se chateiam, uns querem mandar mais que outros, há uns com a personalidade de líder, outros de execução e outros mais tranquilos.

Na aula seguinte ao exercício da câmara escura, foi feita novamente uma roda de conversa com os alunos e dessa vez pedi para eles escreverem sobre o que acharam da aula e me dissessem se gostaram ou não da atividade, como viram as imagens dentro da caixa, se foi fácil perceberem essas imagens, como era a qualidade dessa imagem, qual a diferença das imagens da primeira atividade para as da segunda, etc. As rodas de conversa são bem interessantes, mas, é preciso ter uma organização e um pouco de paciência, pois, trabalhar o exercício da fala e da escuta tem sido um desafio pra mim enquanto professora. No momento em que eu peço para responderem as perguntas provocativas para a conversa, a maioria começa a falar sem deixar outro colega falar também e sem querer escutar. Por um lado, existe algo positivo que é a vontade de participar, então, com muita paciência, vou organizando uma ordem da fala e sempre comentando sobre a importância da escuta. Depois da roda de conversa, pedi que escrevessem num papel o que foi dito por eles. É importante lembrar que alguns alunos dessa turma ainda não conseguem ler nem escrever e, nesses casos, pedi para que narrassem o que tinham achado da aula enquanto eu transcrevia para o papel.



Figuras 8 e 9: Fotos dos relatórios sobre a aula da câmara escura

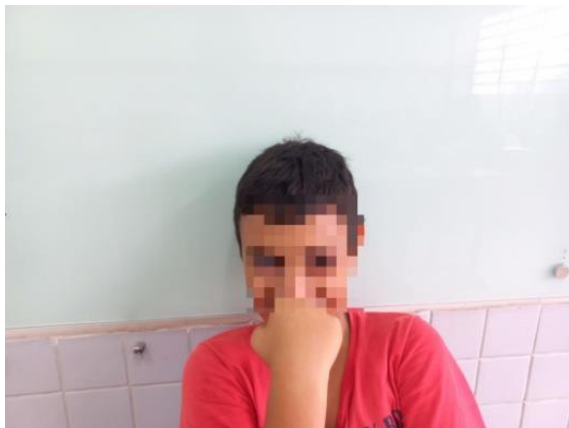
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

Nas aulas seguintes, seguindo o cronograma, começaríamos a usar o aparelho celular. Solicitei aos pais que deixassem os alunos levarem os celulares para as aulas de artes, pois, eles seriam necessários para a atividade. Porém, surgiu neste momento uma dificuldade, que de certa forma eu já havia previsto, mas não imaginei que seria tamanha. No primeiro pedido que fiz, nenhum aluno trouxe o celular. Muitos desses alunos do quinto ano B não possuem celulares e, de alguns, só a mãe ou o pai tem o aparelho em casa e não permitiram que os filhos o levassem para a escola. Então, para iniciarmos o processo, usamos apenas o meu aparelho celular. Porém, a turma ficou bem numerosa depois que uniram os grupos verde e vermelho que estavam separados no início do ano e agora estávamos com a turma em atividades 100% presenciais. Ter apenas um único aparelho celular dificultou bastante a atividade. A estratégia que usei foi separar a turma em duplas para exercitar os planos

de cinema¹¹: Plano Geral, Plano Médio, Plano Americano, Primeiro Plano, Plano Fechado e Close (figuras 10 a 13).



Figuras 10 e 11: Fotos de estudante sendo fotografado nos planos do cinema:
Plano Aberto (esquerda) e Plano Médio (direita)
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)



Figuras 12 e 13: Fotos de estudante sendo fotografado nos planos do cinema:
Plano Americano (esquerda) e Close (direita)
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

¹¹Unidade de expressão cinematográfica. Trata-se de um quadro ou aspeto do filme rodado sem interrupção. O filme resulta da combinação mais ou menos hábil dos vários planos que integram a ação. Costumam aparecer classificados da seguinte forma: plano de conjunto, se apanha um conjunto de figuras de corpo inteiro; plano geral, quando inclui uma figura humana ou qualquer outra na totalidade; plano americano, se apanha uma figura humana dos joelhos para cima; plano médio, se a figura humana aparece da cintura para cima; primeiro plano, se está só uma parte do corpo, por exemplo, o rosto; primeiríssimo plano quando aparece um pormenor de uma parte do corpo, por exemplo, os olhos; plano de pormenor, se há uma vista muito próxima de uma parte de qualquer figura.

Primeiramente, fiz uma explicação sobre o que seriam planos e enquadramentos com imagens como exemplo. Tentei apresentar essas imagens mostrando trechos de filmes, mas, não foi possível realizar dessa maneira uma vez que o auditório estava ocupado e a claridade da sala de aula não permitiria ver as imagens. Então, levei as imagens impressas. A atividade seria testar os enquadramentos na prática, através de fotografia da dupla. E enquanto uma dupla experimentava os planos, os demais aguardavam para participar depois.

Notei que os estudantes não tiveram dificuldades para executar essa atividade e usar o celular, que não lhes era nenhum objeto estranho ou desconhecido, e com o qual demonstraram ter intimidade. Mas, ter o celular no espaço da atividade escolar foi, isso sim, no mínimo curioso para eles, e também o fato desse aparelho do uso cotidiano estar sendo usado a partir de novos conceitos desconhecidos por eles até então. Mesmo com essas observações positivas, a atividade não foi totalmente fácil de ser executada. Eram muitas crianças na expectativa e ansiedade para participar do que estava sendo proposto e, por infelizmente estar com apenas um aparelho celular, enquanto uma dupla realizava a tarefa, os demais ficaram agitados. Alguns prestavam atenção no que estava acontecendo, mas, outros bagunçavam, o que chegava a atrapalhar o que estava sendo feito e era preciso que eu ficasse de olho na dupla enquanto pedia silêncio aos demais.

Essa atividade foi executada em duas aulas e consegui que todos participassem dela. Mas, para mim, como professora pesquisadora, essa primeira atividade com o **dispositivo móvel** me deixou preocupada a respeito de como resolveria as próximas atividades de criação de audiovisual caso continuasse com apenas um celular. Foi preciso pensar numa alternativa para desenvolver a pesquisa. Mesmo com a volta das aulas presenciais, os grupos de *whatsapp* se mantiveram para informes, então, existe um grupo da turma onde estão os pais e as mães dos alunos. Eu fiz um novo pedido para que as crianças levassem os celulares para a aula de artes, mas, a mesma coisa aconteceu: os estudantes não trouxeram. Além dos motivos que relatei acima, tinha também o medo de alguns pais e mães de que o seu filho ou filha levasse o celular para a escola e acontecesse alguma avaria com o aparelho. Resolvi, então, dar uma pausa nas atividades com o celular, para pensar em outras possibilidades para dar continuidade à pesquisa.

2.3 Apareceu uma semente

Essa dificuldade que surgiu me motivou a ir em busca de pessoas ou grupos que já tivessem feito algum trabalho semelhante à minha pesquisa, para que pudessem me ajudar a resolver essa questão. Cheguei ao conhecimento de um grupo existente em João Pessoa, chamado *Semente Audiovisual*¹², que há um tempo trabalha e pesquisa sobre o audiovisual em sala de aula feito por crianças em algumas escolas na região metropolitana de João Pessoa. Procurei o grupo na internet e redes sociais e descobri que estavam montando uma turma, de preferência com professores, para explicarem e ensinarem seus métodos de trabalho. Me inscrevi e fiz o curso, que teve a duração de quatro semanas, e ele foi um divisor de águas para a minha pesquisa. Eu estava preocupada sobre como iria desenvolvê-la na escola, sem os recursos básicos de que a minha pesquisa necessitaria: o aparelho celular. No decorrer das aulas, aprendi um pouco sobre a metodologia da Escola Semente e sobre como aplicá-la com poucos recursos, até porque este estava sendo o meu problema maior no momento: a falta de recurso para ter mais aparelhos para trabalhar com as crianças. Algo interessante que vi no curso da Semente é que eles iniciam os trabalhos com sensibilizações práticas, sem uso de tecnologia, para depois inserir os aparelhos de captação de vídeo, algo que eu já estava fazendo quando propus o exercício do olhar pela escola e a construção da câmara escura.

Conhecendo o trabalho da Semente, acabei por reestruturar o meu cronograma e escolhi três das atividades realizadas durante o curso, inserindo-as nos procedimentos metodológicos que propus. As atividades do cilindro, da moldura de papel e o minuto Lumière.

2.4 É preciso foco

¹²SEMENTE – ESCOLA DE EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL é uma escola para professoras e professores com o propósito de inspirar transformações educacionais através da potencialização das práticas de ensinar e aprender e do fomento de comunidades de aprendizagem por meio da tecnologia e da linguagem audiovisual.

A primeira atividade prática realizada com o grupo focal foi a do cilindro, com o objetivo de trabalhar o foco. Nesta atividade, foi feito um cilindro com uma folha de papel sulfite para, através dele, se observar o ambiente externo, sendo possível, assim, trabalhar o campo de visão sobre algo. Esse cilindro demarcava a área que as crianças poderiam ver através de suas bordas. Fazendo um contraponto com as outras atividades de sensibilização feitas em sala, como o observar a escola e a câmara escura, nessa tarefa, o campo de visão era ainda menor. Os alunos acharam a atividade divertida, pois os cilindros feitos de papel os remetiam a uma luneta e eles foram usando o imaginário durante a atividade. Pedi que fossem focando o que gostariam de ver, objetos da sala, pessoas, e observassem cada detalhe pela circunferência do objeto confeccionado.



Figuras 14 e 15: Fotos de Estudantes observando focos através do cilindro feito de papel
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

Nessa tarefa, em que o campo de visão ficou restrito, não era possível ver a sala por completo num plano geral porque o espaço de observação estava limitado. Assim, dava para perceber mais os detalhes do que se olhava, pois o que era escolhido estava no foco da visão. Foi uma atividade interessante e lúdica, assim como as outras, e, nessa, percebi um diferencial: os alunos ficaram mais concentrados e, fazendo jus à proposta da atividade, mais focados no que estava sendo feito.

O exercício que foi proposto logo em seguida foi o da moldura de papel, que traz a proposta de perceber um plano, o que trabalhamos com **a câmera do dispositivo móvel**, escolhendo o enquadramento que se quer ver na tela. Para este, foi necessário

fazer um recorte retangular numa folha de papel, deixando-a vazada, bem parecida com a “televisãozinha” que os alunos nomearam na atividade da câmara escura, porém, dessa vez, sem o papel seda. Com a moldura criada pelo recorte na folha, fizemos um passeio pela escola, desta vez olhando-a através do retângulo de papel nas mãos. Não se tratava ainda da **câmera do aparelho celular**, mas, voltando ao lúdico, a folha vazada fazia com que se olhasse aquele espaço já conhecido pelos estudante de outra maneira. Existia uma forma delimitando o que estava sendo visto, portanto, escolhia-se o que se queria ver naquela “tela”. “Com as molduras de papel, convidamos os estudantes a olhar para o mundo ao seu redor de forma lúdica, e assim experimentar os aspectos desse linguagem na criação de diferentes olhares sobre a realidade à sua volta!” (SEMENTE, 2022, p.7).



Figura 16: Fotos de Estudantes observando espaço interno da escola através da moldura de papel
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)



Figura 17: Fotos de estudantes observando o espaço externo da escola através da moldura de papel
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

Após essas duas atividades, propus uma roda de conversa para que os alunos falassem sobre os dois exercícios. Queria ouvir as percepções de cada atividade e também pedi que eles as comparassem, percebendo as semelhanças e diferenças com as primeiras atividades que fizemos e elas tinham pontos em comum, como a caminhada pela escola observando-a.

2.5 Minuto Lumière.

O último exercício do curso com o Semente Audiovisual que escolhi para realizar com o grupo focal foi o Minuto Lumière, que tem esse nome pois faz referência aos irmãos Lumière¹³, que utilizavam o aparelho cinematógrafo para experimentarem e criarem imagens em movimentos.

Olhar, sentir, escolher, posicionar, filmar e observar a imagem enquanto ela está sendo gravada. Esses são os gestos necessários para produzir uma imagem de forma ativa e consciente. Foi assim que o cinema nasceu, quando um dos pioneiros dessa arte - os irmãos Lumière - inventaram o cinematógrafo e realizaram pequenas imagens documentais do cotidiano da cidade. É esse gesto inaugural do cinema que vamos reviver. Ele nos remete ao gesto humano de tentar preservar o tempo, registrar sua história e, de

¹³Os irmãos Lumière são conhecidos como os pais do cinema, pois foram pioneiros na exibição de imagens em movimento. Ou seja, foram inventores do cinematógrafo, um aparelho que reproduzia movimento a partir do sequenciamento de fotogramas. Nesse sentido, foram pioneiros no aperfeiçoamento e também no registro dessa invenção.

algum modo, pensar e inventar o mundo a partir da relação com as imagens.
(SEMENTE, 2022, p.9)

Em seus filmes, os irmãos Lumière normalmente deixavam o cinematógrafo parado e gravando breves cenas do cotidiano. Um dos filmes mais conhecidos é *A chegada de um trem na estação*, de 1895, que mostra, como o próprio título informa, a chegada de um trem em uma estação, movimentos de pessoas andando, algumas subindo, outras descendo do trem, enfim, uma cena daquele cotidiano. Como é um filme curto, com duração de apenas 1 minuto, assisti com os alunos pelo meu computador e, para que todos conseguissem ver bem, formei grupos com quatro crianças que ficavam ao meu lado, na mesa do professor da sala, assistindo comigo. Quando acabava, outras quatro chegavam para assistir.

Os olhares eram bem curiosos por verem aquele filme diferente, em preto e branco, sem falas, e, para muitos, foi uma surpresa ver que o cinema surgiu há um bom tempo. Partindo da ideia do filme, a atividade consistiu em deixar a câmera do celular parada em algum lugar gravando por 1 minuto, captando o que acontecesse à sua frente, sem usar o recurso de corte, pausa ou zoom. Retomamos, então, o uso do aparelho celular, que tinha sido utilizado pela última vez no exercício dos planos de cinema em sala de aula. Dessa vez, a câmera do celular foi utilizada como uma câmera de vídeo e, para realizar o exercício, fiz uma conexão com a atividade anterior: no minuto Lumière, a proposta foi que o enquadramento captasse o plano geral, aberto, alcançando o máximo de espaço na tela. Para executarmos esta tarefa, consegui outro celular, além do meu. O professor pedagogo da sala me emprestou o seu aparelho para auxiliar nos registros fotográficos e para que, em outro momento, tivéssemos mais de um aluno desenvolvendo a atividade ao mesmo tempo.

Fomos novamente para o lado externo da escola. Escolhemos a entrada por ser um lugar com bastante movimento, pois para a nossa atividade era interessante deixarmos a câmera parada gravando essas movimentações. Ter um celular a mais ainda não foi suficiente para a quantidade de alunos do quinto ano B. Então, o exercício foi realizado da seguinte maneira: em duplas, entreguei um aparelho celular para cada aluno e eles seguravam a câmera parada na posição escolhida. A partir do comando dado por mim, que dizia “Atenção...Gravando!”, eles começavam a gravar. Como a duração da filmagem era de 1 minuto para cada vídeo, conseguimos executar a atividade em 2 encontros e todos conseguiram participar.

Quando iniciaram as gravações, os alunos não deixaram as imagens acontecerem naturalmente. Começou, então, um movimento de passar na frente da aparelho celular, caminhando, subindo degraus, dançando, rindo, interagindo com a câmera. Transformaram a atividade numa brincadeira, mas, não numa bagunça que atrapalhasse a execução. Ao contrário, esse acontecimento espontâneo deixou a atividade mais interessante para eles e, como professora-pesquisadora, observei que foi criada uma derivação do exercício proposto, pois, mesmo quem não estava com o **aparelho celular** no momento também estava participando da atividade. No artigo *O que é a educação audiovisual e quais os seus fundamentos na escola*, Ana Bárbara Ramos faz a seguinte afirmação:

Esse aspecto constitutivo do processo de criação audiovisual faz aflorar a potência pedagógica de nos deslocar da posição de espectadores passivos da realidade para a de sujeitos ativos – alguém capaz de ver, de ouvir e de falar, de contemplar, de sentir, de interagir, de imaginar, de indagar, de conhecer, de inventar o mundo – e consolida uma experiência de aprendizagem fundada na experimentação direta da realidade, na reflexão crítica e na criação colaborativa. (RAMOS, 2022, p. 04)



Figuras 18 e 19: Fotos de estudantes fazendo o exercício minuto Lumière
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

Com esse comportamento, das crianças percebe-se que não houve uma inibição em aparecer na frente das câmeras, mesmo sabendo que vídeos estavam sendo gravados. Existe realmente uma intimidade dessa geração com os aparelhos tecnológicos, tanto no manuseio do aparelho como na relação com a exposição da imagem numa gravação. Atualmente vivemos um momento de muita comunicação através de vídeos, não apenas como observadores, mas como criadores também, sejam vídeos na internet, redes sociais ou mesmo chamadas de vídeo. Esse lugar de

estar na frente das câmeras não é mais um “privilegio” de artistas ou comunicadores que trabalham com a imagem, mas é vivido por qualquer pessoa, uma vez que o acesso ficou muito mais fácil. Então, criar vídeos se tornou algo absolutamente comum do nosso cotidiano e, acredito que por essa razão, mesmo estando com a **câmera do dispositivo móvel**, as crianças não deixaram de ser espontâneas na atividade. Não havia personagens, as crianças estavam brincando, se divertindo e aprendendo com esse dispositivo do cotidiano no contexto da nossa atividade.

2.6 Vamos fazer um Cineclube?

Depois de sensibilizações com as atividades práticas, exercitando o olhar sobre o espaço, em outro momento da pesquisa, iniciamos um cineclube na escola. O direcionamento do olhar dessa vez foi para produções de audiovisual. Selecionei três curtas-metragens nacionais para fazermos o nosso cineclube: *O Melhor Som do Mundo*, 2015, de Pedro Paulo de Andrade, que conta a história do menino Vinicius, que ganha um equipamento de som profissional e, fissurado em gravar sons do ambiente, sai em busca de encontrar e gravar o melhor som do mundo; *O Fim do Recreio*, 2012, de Vinicius Mazzon e Nélío Spréa, que conta a história de crianças que ficaram indignadas com a decisão do governo de acabar com o horário do recreio escolar por considerá-lo improdutivo e que, revoltadas, conseguem uma câmera filmadora e começam a filmar o descontentamento de outras crianças com essa decisão, divulgam o vídeo na internet, que "viraliza" e, assim, iniciam uma manifestação popular liderada por crianças; e o documentário *Tesouros Quilombolas*, 2021, produzido pelo Semente Audiovisual - idealizado e gravado por crianças da comunidade Gurugi, localizada na cidade do Conde/PB, com a orientação da equipe -, que conta a história de algumas pessoas da comunidade local falando sobre seu cotidiano, histórias de pessoas do lugar e suas tradições. Conheci estes e outros filmes através da Semente Audiovisual, no período em que estava fazendo o curso na Escola do grupo, e selecionei estes três para exibir ao grupo focal da minha pesquisa pelo protagonismo das crianças em cada uma dessas histórias. A proposta foi que a comunicação fosse mais direta e que as crianças se reconhecessem nesses filmes, estimulando, assim, o desejo criativo e a possibilidade de se sentirem capazes de fazerem o mesmo.



Figuras 20 e 21: Fotos de estudantes participando do cineclube no 1º dia (esquerda) e no 2º dia (direita)

Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

A dinâmica do cineclube foi a seguinte: foram três encontros no auditório em que assistimos a um filme por encontro e, logo em seguida, debatíamos numa roda de conversa sobre o que vimos e entendemos, principalmente sobre a história e como as imagens eram vistas na tela. Com esse bate-papo após as exhibições, numa conversa simples, os alunos aprendiam sobre o roteiro, os planos de filmagem e outros detalhes que normalmente poderiam passar despercebidos, e, assim, eles aprimoraram o olhar crítico sobre os filmes. Esta é a principal ideia de um cineclube. Para ajudar no debate, elaborei um questionário com algumas perguntas para estimular a interpretação e o entendimento do que foi assistido e que foi preenchido logo assim que o filme acabou. Durante o momento de discussão dos filmes, a identificação das crianças com as personagens era notória em suas falas e o entusiasmo em começar a parte prática das gravações com o a câmera do celular também.

Para mim, é importante relatar nessa escrita que para o cineclube dar certo precisei usar estratégias de logísticas de espaço e materiais para os dias de exibição. A primeira foi conversar e pedir à direção da escola, meses antes, que o auditório fosse desocupado, pois, desde o começo do ano, estava preenchido com materiais da banda marcial do município e outros objetos que ocupavam toda a sala, impedindo assim o uso dela, que, vale frisar, é a única sala com espaço amplo para atividades diversas. Também informo que esse não foi um pedido apenas meu, mas de outros

colegas professores que também gostariam de utilizar aquele espaço para atividades diferentes nas suas aulas. Depois de meses solicitando essa liberação do auditório, o material foi retirado da sala.

Outra solicitação feita à direção da escola foi uma solução para impedir a entrada de luz no auditório. Por ser um ambiente muito claro, a visão das imagens no quadro projetadas pelo *datashow* era dificultada. Este pedido também foi atendido e providenciaram cortinas que diminuíram um pouco a entrada de luz, como podemos ver na figura 22. Os computadores da escola estavam quebrados, então, precisei levar o meu *notebook* pessoal. Porém, o *datashow* da escola é muito antigo e a entrada não é compatível com os computadores atuais, então, além de levar o meu *notebook*, precisei levar um *datashow*, que peguei emprestado do meu grupo de teatro, para assim conseguir exibir os filmes para a turma. Além disso, precisei levar cabo de áudio para conectar à caixa de som, extensões de energia, adaptadores para tomadas e montar tudo isso sozinha, chegando mais cedo para não tomar o horário da aula. Acho importante fazer esse relato, que talvez, sendo lido, não pareça um grande problema, mas que, na prática, é trabalhoso e cansativo, também para vermos como a realidade de algumas escolas públicas, nesses tempos tão tecnológicos, ainda está muito atrasada.

TAKE 3: LUZ, CÂMERA, AÇÃO

3 Bora Gravar!

Os exercícios de sensibilizações e atividades práticas conduziram até aqui: o momento de criar audiovisual através do celular com as crianças. Esse foi o caminho para chegarmos à última e tão esperada etapa dos meses da pesquisa. A pergunta “Tia, quando faremos o nosso filme?” era a que eu mais ouvia quando entrava na sala de aula e acredito que, depois do cineclube, a vontade deles de produzirem algo com o celular aumentou, já que, até então, para a turma, todos os exercícios eram apenas uma grande brincadeira em aulas divertidas. Mas, ao assistirem às exibições do cineclube, outro foco surgiu: o de também criar um filme. E perceberam isso como algo possível de ser feito por eles.

3.1 Que história vamos contar?

Quando se pensa em produzir uma obra no audiovisual, começa-se com um argumento, ideia que encaminhará a criação de um roteiro, que é a história do que será visto em imagens na tela, escrita do início ao fim. Mesmo que pra esta pesquisa o foco principal não seja a produção de audiovisual, e, sim, o uso do **dispositivo móvel celular** como um instrumento no ensino-aprendizagem na aula de artes, conhecer as etapas do processo de criação de um filme e roteiro são camadas importantes para o trabalho, e, desde a criação do projeto desta pesquisa, eu queria que as vivências e o cotidiano das crianças fossem as fontes de inspiração para as histórias que seriam transformadas em audiovisual, tendo-os como protagonistas nessas criações.

Portanto, o primeiro momento desta etapa foi dedicado à criação da história que eles queriam contar através do audiovisual. Formei cinco grupos na sala e entreguei um questionário para cada grupo com algumas perguntas para que eles respondessem em conjunto e, assim, a criação do roteiro ser norteadas. Qual história você quer contar? Onde ela se passa? É um documentário ou uma ficção? Por que vocês escolheram essa história? Eram estas as perguntas no questionário.

As reações foram diversas. Alguns estudantes ficaram bem animados e cheio de ideias, outros mais tímidos, alguns não entenderam bem a proposta e eu precisei explicar novamente. Teve aqueles que entraram em conflito por quererem coisas

diferentes, mas, depois chegaram a um consenso. Desde as primeiras atividades, venho estimulando o trabalho em grupo, pois ele seria fundamental para a criação dos vídeos. O trabalho coletivo é o que faz o cinema acontecer.

Ao final da aula, recebi os questionários respondidos e fiz uma análise das respostas de cada grupo. Respostas diferentes, mas, um ponto em comum nos cinco questionários era que todas as ideias de histórias se passavam na própria escola, fossem sugestões de ficção ou de documentar algo. Nesse momento, me vi no seguinte dilema: como produzir cinco histórias diferentes com apenas um aparelho celular e tendo a sala inteira, com 35 alunos, como grupo focal? Inclusive, no decorrer da pesquisa, me arrependi por não ter selecionado um número menor de alunos e, como aplicava a pesquisa nos horários das aulas que eu já ministrava, isso também dificultou um pouco o processo, pois, numa sala numerosa, nem sempre se consegue a concentração de todos.

Selecionei as histórias que seriam possíveis de serem desenvolvidas entre as que apareceram. Levei as opções para a aula e fiz uma votação em sala para a escolha de qual iríamos executar. A história com maior número de votos seria a escolhida, só que, durante a votação, houve um desdobramento e outra ideia surgiu a partir das que tinham. E essa foi a escolhida pela turma: a proposta de fazer um documentário sobre a escola Moema Tinoco. Fiquei surpresa e feliz por os alunos terem se interessado em documentar a escola e penso que terem assistido ao filme da comunidade quilombola onde várias crianças entrevistam pessoas da sua comunidade em busca de histórias daquele lugar e daquelas pessoas pode ter influenciado nessa ideia. Também tem o fato de termos feito diversos exercícios pelos espaços da escola, redescobrimo aquele lugar, e ver o desejo de documentar a escola tem tudo a ver com o que foi dito no Take 1 dessa dissertação sobre pertencimento e se sentir parte daquele lugar.

O procedimento metodológico foi o seguinte: durante as aulas, elaborávamos as ideias para esse documentário, o que eles queriam falar sobre a escola, quais pessoas seriam entrevistadas, quais espaços da escola e funcionários seriam filmados, quais perguntas seriam feitas. Todas essas respostas eram decididas em grupo. O trabalho em grupo para esse momento era fundamental, pois, além de decidir o que estaria no documentário, cada grupo se revezaria nas funções de câmera,

entrevistador e claquete e, ainda, cada grupo seria responsável por um local da escola.

Para começarmos as gravações, criei um cronograma de encontros, além dos que já tínhamos semanalmente, separando cada grupo por dia e horário. Assim, eu conseguia acompanhar apenas um grupo por vez. Esta organização foi fundamental para o nosso trabalho prático, pois houve uma qualidade melhor de tempo, uma atenção exclusiva para as filmagens e, vou chamar, também, de um cuidado para com o nosso trabalho que estava sendo realizado.

Nesse momento das gravações, alguns alunos não quiseram participar da atividade, mesmo que não fosse para aparecer na filmagem. Enquanto alguns alunos, ao longo da pesquisa, se empolgavam e se entusiasmavam em participar, outros mostraram desinteresse pelo trabalho. Indisciplina, falta de comprometimento, às vezes, timidez, mesmo, e isso foi um desafio, pra mim. Como resolveria essa situação e descobriria o que estava causando o desinteresse desses alunos?

3.2 Criando audiovisual com o celular

O roteiro já continha os lugares e pessoas escolhidos para o documentário: cantina, biblioteca, sala da direção, parquinho e espaço aberto da escola; diretora, cozinheira, bibliotecária, professor da turma e alguns colegas de sala. Cada grupo ficou com um lugar e uma pessoa para entrevistar. Com roteiro e perguntas elaboradas para as entrevistas, começamos: Ação!



Figura 22: Fotos de estudante cantando a claquete
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

As filmagens começaram pela biblioteca. Por ser um ambiente mais tranquilo, achamos ideal iniciarmos por lá. O grupo que ficou responsável por este espaço era um dos mais ansiosos para o início das filmagens. Era um grupo afinado entre eles, bem interessado, mas, por ser o primeiro grupo a iniciar as gravações, os alunos ficaram nervosos e “travavam” no momento de falar para o a câmera do celular. Vejo e entendo esse comportamento como natural, ainda que nos exercícios anteriores estivessem diferentes, mais soltos e à vontade, diferentemente do momento da gravação. Talvez, a situação de ter um roteiro do que fazer e outra pessoa para entrevistar os tenha deixado nervosos.

Com receio de que esses acontecimentos os deixassem desestimulados, expliquei que filmes, ou qualquer outra produção de audiovisual, não são gravados em *take* único. Ao contrário, filma-se em várias tomadas, durante muito tempo, para que se obtenham 5 minutos que irão para a cena, por exemplo. Então, quando assistimos a uma produção pronta, até chegar naquele resultado, a equipe teve que refazer várias e várias vezes. Trazer essas informações, ao meu ver, é importante para ajudar na autoestima da criança, que, dependendo da situação, pode se inibir, se encabular, por estar nervosa ou porque houve muitos “cortes” na cena, precisando regravar outras vezes, ou mesmo ter alguma criança que a ridicularize, o que felizmente não aconteceu. Entender o “corta”, “bora fazer de novo” como natural não deixa a criança triste, achando que está atrapalhando ou que as filmagens não estão acontecendo por causa dela.

Também passei outras explicações, e fiz isso com todos os grupos, dei indicações do que escrever na claquete e como manuseá-la, relembramos os enquadramentos de câmera e era o grupo quem decidia como seria a posição e movimentação dela. Não interferei nessa escolha. Era o momento dos alunos colocarem em prática os exercícios que fizemos com a moldura de papel, onde eles tinham que escolher um “recorte” do lugar para observar. Dessa vez, teriam que escolher o recorte que apareceria na tela para gravar no celular. Como nessa etapa as gravações foram realizadas com grupos menores, a concentração e a atenção no que estava sendo feito era bem maior. Nesse momento, ter apenas um celular não foi um problema, e, como as funções de cada um ficaram bem divididas, foi tranquilo fazer as gravações.

Os problemas que surgiram foram outros. O principal de todos foi o barulho externo da escola, que atrapalhou bastante o processo porque, como a escola tem muitos alunos, praticamente em todo horário tem alguma turma fora de sala, seja por causa do intervalo, seja hora da merenda, seja indo para a quadra, e esse barulho é captado pelo microfone do aparelho celular. Era necessário esperar por um momento de mais silêncio ou encontrar um lugar em que o barulho não fosse captado.

Durante as gravações, mesmo com as funções de cada um definidas, surgia a vontade de trocar de função e isso era totalmente possível, não tinha problema nenhum. Quem estava manuseando a claquete trocava com quem estava entrevistando e esse poderia trocar com quem estava filmando com o celular naquele momento. Essa ação foi muito positiva para que cada aluno participante pudesse experimentar funções diferentes durante as gravações. E, assim, ia se construindo o nosso documentário sobre a escola de forma colaborativa em todas as etapas.



Figura 23: Fotos de estudantes escrevendo o número das cenas na claquete
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

O espaço da escola, que foi percorrido desde o primeiro exercício, agora era observado e registrado com a câmera do celular. Havia um olhar diferente dos outros que tínhamos experimentado nas atividades prévias. No decorrer das gravações, mesmo tendo um roteiro que nos guiava, também existia um exercício de

improvisação e eles poderiam filmar outros locais, formular outras perguntas. O artigo *A pedagogia do dispositivo: um método para a educação audiovisual* traz a importância dos estudantes como protagonistas:

As dinâmicas colaborativas promovidas pelos dispositivos com a linguagem audiovisual posicionam os estudantes como protagonistas de um processo de vinculação, investigação e criação da e com a realidade. O mundo que se abre aos estudantes através das telas e microfones dos celulares comporta a complexidade daquilo que se converte em material para fruição e reflexão na sala de aula. (RAMOS et al, 2021, p.5)

Durante todas as gravações com os grupos eu estava presente, orientava os alunos, ficava junto para resolver algum conflito ou tirar dúvidas e também para que não se dispersassem, o que é algo muito rápido e fácil de acontecer, porém, eles tinham autonomia para desenvolver a atividade e improvisar algo, caso fosse preciso, e se resolverem entre si diante dos problemas que iam acontecendo.



Figura 24: Fotos de estudantes filmando a biblioteca e a bibliotecária Magna
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)



Figura 25: Fotos de estudantes filmando a cozinheira Ana
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

As filmagens ocorreram bem e a atividade foi instigante para todos que participaram. Os entrevistados foram disponíveis e as crianças foram conduzindo as gravações de forma fluída. Elas decidiam o cenário que iria aparecer e escolhiam o plano da filmagem. Elas mesmas já diziam “corta” e voltavam à “ação” de forma tranquila. Se ajudavam, criavam e se divertiam. No artigo *A pedagogia do dispositivo: um método para a educação audiovisual*, os autores dizem:

As imagens e os sons produzidos nas vivências dentro e fora da escola criam pontes entre o saber escolar e as diversas formas de saber, viver e sentir o mundo, inclusive as dos próprios estudantes. Aí estão as bases para a promoção de uma aprendizagem inclusiva, democrática e acessível. (RAMOS et al, 2021, p.5)

As gravações aconteceram no período de duas semanas, um grupo por vez. O que não pudesse gravar no dia determinado, ou por barulho demais, ou porque faltou alguém, filmaria em outro encontro. Foi o tempo para que se criasse um burburinho entre estudantes de outras turmas, que observaram que a turma do quinto ano B estava usando o celular na hora da aula de artes. Alguns vieram me questionar por que não fazia essa atividade com eles também e isso demonstra o quanto o **aparelho celular e a tecnologia** são atrativos e despertam interesse nos estudantes em usar esse dispositivo.



Figura 26: Fotos de estudantes gravando o documentário
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

3.3 Exibição do documentário

Quando as gravações foram concluídas, começou a etapa de edição. Essa parte ficou apenas comigo, pois, por falta de recurso de equipamentos na escola, fiz as edições no meu computador. No primeiro momento, separei os vídeos em pastas de acordo com a nossa ideia de roteiro. Realizei a primeira parte da montagem na escola, com alguns alunos acompanhando o processo ao meu lado. Eles demonstravam muita curiosidade e interesse em aprender. Edição de vídeo não é uma área que eu entenda bem, mas, o básico eu sei fazer, então, organizei todas as filmagens feitas pelos grupos e editei o vídeo documentário feito pelos alunos do quinto ano B.

Para concluir o segundo momento da terceira etapa, nada mais justo do que um cineclube para o próprio filme. Foi muito importante fazer essa exibição para os alunos se assistirem, se verem na tela e verem seus colegas. Além da turma da pesquisa, convidei alguns professores e diretoras para participarem desse momento. Foram várias as reações dos alunos na hora da exibição. Teve os que ficaram super felizes, os que ficaram tímidos e os que não quiseram participar das gravações com uma expressão de quem queria ter participado também. De modo geral, eles ficaram

muito orgulhosos e satisfeitos com o resultado do trabalho que realizaram e de verem o documentário pronto sendo exibido para toda a sala e outros professores.



Figura 27: Fotos de estudantes assistindo ao documentário feito por eles
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

Infelizmente, para a exibição do documentário, tivemos alguns problemas que já foram relatados algumas vezes nesta dissertação. Devido à impossibilidade de usar o auditório da escola, que estava ocupado com alguns materiais, optei por passar o vídeo na sala de aula, como podemos ver na figura 27. Mesmo com as dificuldades, as crianças ficaram felizes com o que viram. Para assistirem melhor, compartilhei o arquivo no grupo do *whatsapp* da sala, e, assim, os pais e as mães das crianças também puderam ver o trabalho desenvolvido pelos filhos.



Figura 28: Abertura do documentário do quinto ano B
Fonte: dados da pesquisa direta (2022)



Figura 29: Início do documentário com estudante apresentando a escola
Fonte: dados da pesquisa direta (2022)

O título do documentário é *Nossa escola pelo olhar do 5B* e não tinha como ter outro nome. Desde o primeiro exercício até o último, esta foi a ação que eles mais realizaram: olhar a escola. Um olhar que foi se aprimorando a cada exercício. Observar os espaços da escola a “olho nu”, observar por dentro de uma caixa e com a imagem invertida, observar com uma limitação que definia até onde o olhar poderia ir e observar através de outra lente, neste caso, o observar pela tela do celular. Aquelas atividades foram etapas que conduziram o percurso para chegarmos no nosso exercício final que foi gravar o nosso trabalho criando audiovisual feito com a câmera do celular.

Quando terminou a exibição do documentário feito pelos estudantes do quinto ano B, mesmo eu que havia editado o vídeo, juntei-me à turma que estava emocionada e me emocionei também como se estivesse assistindo pela primeira vez. Diante das tantas dificuldades que passamos no decorrer da pesquisa, ver o rosto das crianças felizes em ver o trabalho delas pronto e exibido na tela é de uma grande satisfação. Esse foi um trabalho coletivo e, ainda que diante das adversidades (falta de espaço, não ter celular, muitos alunos como grupo focal, barulhos externos, salas quentes), eu tenha duvidado, em alguns momentos, que algum dos exercícios propostos daria certo, quando se faz um trabalho em coletivo fica mais fácil de resolver tudo juntos. Os estudantes estavam muito dentro das propostas das atividades e isso foi importante demais.

Ver o desejo deles em documentar a escola tem tudo a ver com o que foi dito no Take 1 dessa dissertação sobre pertencimento, se sentir parte daquele lugar. A escola não é algo que eles veem de longe e acham curioso, é absolutamente o contrário. Escolher documentá-la é olhar pra perto, é observar aquele espaço e ver o mais bonito que tem aquele lugar, é orgulho e alegria em trazer o lugar mais especial da escola, é filmar o professor que eles amam, é ir na biblioteca e filmar aquele espaço colorido, silencioso, é se ver naquela filmagem, é se sentir realmente parte daquele lugar.

Após o cineclube, fizemos uma roda de conversa para falarmos sobre o processo, relembrar as atividades feitas durante a pesquisa, ouvir como foi para eles usarem o celular na escola como atividade de arte e como eles se sentiram com a criação de um documentário.

Concluímos essa última etapa tendo cumprido todas as outras, mesmo com as dificuldades que aconteceram no decorrer da pesquisa. O aprendizado do exercício aconteceu, os trabalhos em grupos deram certo, os alunos participaram, souberam se organizar e reorganizar, se sentiram parte daquele lugar. O exercício do olhar pela escola, a câmara escura, o exercício do cilindro, a moldura de papel, o minuto Lumière e o cineclube foram fundamentais para que as crianças encontrassem um tema em comum nas histórias. Teve votação, tiveram autonomia e todos os momentos foram fundamentais para chegar no documentário produzido pelas crianças. Conseguimos usar o celular na sala de aula e em todo o ambiente escolar como um recurso de ensino/aprendizagem. O dispositivo foi usado ao nosso favor.

TAKE 4: NA LATA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade, as práticas com tecnologias digitais estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia, como, por exemplo, **o telefone móvel, celular**, que se tornou um canal de comunicação para além da telefonia. Com ele, temos acesso a internet, redes sociais, audiovisual, câmera e vários outros aplicativos, o que o torna um elemento necessário na vida moderna e isso, com certeza, se reflete dentro das escolas.

O questionamento que disparou esta pesquisa indagava se a utilização do aparelho celular como um recurso de audiovisual serviria como instrumento auxiliar nos processos de ensino/aprendizagem nas aulas de artes e se ajudaria a superar o desinteresse dos estudantes nas atividades presenciais. A investigação teve como grupo focal os discentes do quinto ano B da Escola Municipal de Ensino Fundamental Moema Tinoco Cunha Lima. A ideia foi propor a utilização do aparelho celular para exercícios de audiovisual como recurso metodológico para o ensino de Artes, para possibilitar ao aluno desenvolver a imaginação criadora a partir de elaboração de roteiros e material de vídeo no processo de ensino-aprendizagem.

Pensar e colocar em prática os desdobramentos dessa questão foi o que aconteceu durante a pesquisa. **Por ser o celular um dispositivo móvel** presente no nosso cotidiano, acreditei que seria mais fácil trazer e usar esse aparelho na sala de aula durante a investigação. Mas, a realidade foi outra. Os alunos não tinham aparelho que pudessem levar para a escola. Os que tinham acesso ao celular, usavam o aparelho dos pais, que não deixavam que o levassem para a escola, por várias razões. Essa dificuldade, apesar de ter sido prevista no projeto, eu não imaginava que ocorreria com a sala inteira.

Foi preciso repensar sobre como executar a pesquisa e a solução encontrada foi usar o meu aparelho celular para as atividades. Ter um único aparelho para um grupo focal grande foi difícil para executar as tarefas, pois, para que todos os alunos pudessem usar o celular na atividade, ela demorava um bom tempo, causando bagunça entre os que estavam sem o aparelho. Porém, mesmo com essa limitação, as atividades foram realizadas.

Como a tecnologia está muito presente no nosso dia a dia, mesmo que o aluno não possua um celular e a escola não tivesse nenhum aparelho eletrônico, estamos tão envolvidos nessa cultura digital, que as crianças, por serem *nativas digitais*, sabem utilizar com naturalidade e intimidade os dispositivos. Fizemos atividades manuais exercitando o olhar antes de começarmos a gravar o audiovisual e isso foi fundamental para direcionar e preparar os alunos, tanto para a atividade em grupo como para o uso do aparelho.

Portanto, o celular auxiliou, sim, em despertar o interesse dos alunos do quinto ano B nas aulas, mas, a preparação e condução para o uso desse dispositivo móvel com os estudantes foi um fator importante e tem que ser levado em consideração. A metodologia pensada com exercícios de sensibilização e atividades práticas conduziu ao uso do celular de forma mais atenta e consciente, uma vez que o aparelho, já conhecido por eles, no nosso cotidiano é muito sedutor e atrativo, mas aqui, nesta investigação, a proposta do uso do celular foi como um suporte técnico para colaborar no processo de ensino aprendizagem.

Desenvolver o roteiro, separar os grupos para as gravações, decidir o que e quem iria gravar direcionou o trabalho com as crianças e colocou-as como protagonistas da atividade. Nessa pesquisa, a intenção não era que elas só consumissem informação, mas, sim, que fossem sujeitos ativos e criadores e também desenvolvessem o pensamento crítico sobre o que estavam fazendo. A ideia não era criar um audiovisual só porque é legal, mas, sim, com um objetivo, que foi desde as perguntas iniciais até a criação do documentário.

O objetivo principal da pesquisa não foi fazer cinema, mas, sim, oferecer um procedimento, experienciar o audiovisual através do celular em ambiente escolar, exercitando os olhares e a sensibilidade artística por meio da tecnologia. O importante para essa pesquisa foi como esse **dispositivo móvel** tão presente no nosso cotidiano, seria utilizado como uma ferramenta para o ensino/aprendizagem, no ensino da arte e no aprendizado das crianças, e entender que o celular, esse instrumento de comunicação e expressão, não pode ser ignorado e, sim, pode ser inserido nas aulas, contribuindo para o entendimento e aprendizagem na educação.

Na pesquisa, o aparelho celular foi usado como um recurso para o audiovisual, mas ele pode ser utilizado de várias outras formas, tanto nas aulas de artes como em outras matérias. Na realidade atual, o profissional de educação não

pode ignorar a presença da tecnologia em sala de aula. Esse é o cenário que pauta o nosso tempo.

Ainda existem críticas ao uso do celular em sala de aula, mas, não se pode apenas criticar, é preciso entender que os alunos, professores e a escola estão imersos nessa tecnologia, então, ela é algo a que não podemos virar as costas e ignorar a existência. O que o professor precisa, seja qual for sua área, é descobrir soluções que possam trazer esse **dispositivo móvel** como um aliado para o ensino e aprendizagem. Se, por um lado, o celular já não é mais um aparelho estranho no ambiente escolar, ainda assim, as possibilidades tecnológicas são estranhas para muitos professores *imigrantes digitais*.

Portanto, com uma geração que já é *nativa digital* e passou pelo período pandêmico de isolamento social com aulas apenas *online*, proibir ou ignorar o celular em sala de aula não é a melhor opção para se adotar. O celular é uma ferramenta que ajuda no ensino/aprendizagem desde que haja uma preparação, um direcionamento e uma orientação para que o dispositivo auxilie nas atividades, uma vez que não é só ter o celular em sala de aula que colabora no ensino. Por ter tantos atrativos, ele pode também atrapalhar e tirar a atenção do aluno em aula, mas, se ele é adotado, assumido e não rejeitado, e se houver um esforço de organização e direcionamento que prepare os estudantes para esse trabalho em equipe, o uso desse **dispositivo móvel** pode ser muito potencializado.



Figura 30: Foto em 'selfie' com um dos grupos de filmagem e o professor pedagogo da turma
Fonte: a autora, dados da pesquisa direta (2022)

REFERÊNCIAS

ALVES, J. F. da S., & ARAGÃO, P. C. de. (2019). **A arte cinematográfica na educação escolar quilombola: modos de educar Gurugi e Ipiranga**. Revista Discurso & Imagem Visual Em Educação, 3(2), 77–94. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rdiver/article/view/43589>> Acesso em 24 de maio de 2022;

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CARNAVOS, J. A. A. ; SARRASQUEIRO, R. ; NOVIKOFF, C. . **Entre sombras: A importância do uso das sombras para criação de imagens sensuais**. In: Cristina Novikoff; Alvaro Victorio. (Org.). Fotografia: Diálogos interdisciplinares. 1ed. São Paulo: Editora.com, 2016, v. 1, p. 203-209.

FARIAS, Lídia; GONÇALVES, Osmar. **A fotografia ao longo do tempo: da Kodak ao Instagram**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. 16., 15 a 17 maio 2014, João Pessoa. Anais... São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1656-1.pdf>> Acesso em 12 de junho de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

HOLLEBEN, I. M. A. D. S., s.d. **Cinema e educação: diálogo possível**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, s.d. 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/462-2.pdf>> Acesso em 30 de maio de 2022;

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015. Disponível em: <<http://www.sementecinematografica.com.br/wp-content/uploads/2017/12/Livro-Inevitavelmente-Cinema-Cezar-Miglorin.pdf>> Acesso em 30 de maio de 2022;

MORICONI, L., V. **Pertencimento e identidade**. Campinas, SP: [s.n.], 2014.

NOVIKOFF, Cristina; VITÓRIO, Álvaro (org): **Fotografia: diálogos interdisciplinares**. Editora Pontocom, São Paulo, 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Fundamental Zumbi dos Palmares**. João Pessoa: Secretaria de Educação, Esporte e Cultura, através da Escola Municipal de Ensino Fundamental Moema Tinoco Cunha Lima, 2021;

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. 2001. Disponível em: <<https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrantesdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf>> Acesso em 10 de maio de 2022

RAMOS, Ana Bárbara; BARQUETE, Felipe Leal; PIPANO, Isaac. A pedagogia do Dispositivo: Um método para a Educação Audiovisual. Material didático da Escola Semente Educação Audiovisual. 2021. Disponível em: <<https://semente.educacaoaudiovisual.com.br/2021/05/06/a-pedagogia-do-dispositivo-um-metodo-para-a-educacao-audiovisual/>>

SEMENTE, Escola de Audiovisual. **Dispositivos de criação audiovisual: Propostas para a sala de aula.** E-book. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/18oi2Ar0v6YooHG7lqZCnqB6PKIlkYMxF/view>> Acesso em 14 de junho de 2022.

Portais eletrônicos

SEMENTE. Educação audiovisual. Disponível em <<https://semente.educacaoaudiovisual.com.br/>>

Filme Tesouro Quilombola - Semente Escola de Educação Audiovisual (2021) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r7xG-2TJDvk&list=PL9LeZHvlyR195s0N4wa-0GBN8rUyc6Yy0&index=9>>

Filme O Fim do Recreio (Vinícius Mazzon e Nélío Spréa, 2012). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t0s1mGQxhAI&t=222s>>

Filme O melhor som do mundo (Pedro Paulo de Andrade, 2015). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A4vVRKQfrqQ>>